



# Da coexistência à convivência em Madrid: os casos de Tetuán e Lavapiés

Dissertação de Mestrado

**José Filipe Trincão Machado**

Trabalho realizado sob a orientação de

**Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira**

**Madrid, 2018**

**Mediação Intercultural e Intervenção Social**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA**



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o incentivo ao longo dos anos

À Mónica, por me abrir as portas da mudança e ser um dos centros deste Mestrado

À ESECS do Instituto Politécnico de Leiria por me fazer crescer intelectualmente.

A Madrid, por permitir que me apaixone pela cidade diariamente.

## RESUMO

A presente dissertação constitui-se, além de um estudo de natureza compreensiva e interpretativa, como uma viagem do seu autor que, ao descrevê-la e pretender perceber as transformações existentes num território, acabou por transformar-se ele próprio também a partir do momento em que mudou de residência e inclusive de país para realizá-la. A viagem realizada a Madrid em 2016 acabou por determinar a temática aqui apresentada. Sabendo de antemão que pretendia realizar um estudo em que estivesse perto das pessoas, escolhi dois bairros multiculturais da cidade para realizar uma investigação de cariz etnográfico através do acompanhamento das actividades de duas instituições de mediação comunitária que operam no terreno no Distrito de Tetuán e no bairro de Lavapiés, concretamente La Rueca e Culturas Unidas. A base do trabalho prende-se com a forma como existe ou não a coexistência de diferentes culturas num mesmo espaço e em que medida a partir dela se gera convivência. Além disso, os fenómenos migratórios que em diferentes épocas chegaram a Madrid contribuíram para uma reconfiguração identitária da cidade, de quem nela vivia e quem a ela chegou, entretanto. Essas identidades em constante mudança levam simultaneamente a que se constituam novas formas de cidadania num mundo em que a palavra nação vai paulatinamente perdendo o seu carácter uniforme e homogéneo ganhando um novo formato que se pauta pela diversidade e heterogeneidade, apesar das resistências. Em resumo, pretendo perceber como se formam estes fenómenos numa cidade como Madrid e que tipo de influência têm as instituições que trabalham no terreno as temáticas das migrações e da integração de novas culturas num espaço.

### **Palavras chave**

Coexistência, convivência, cidadania, nacionalidade, multiculturalidade, interculturalidade, mediação intercultural, intervenção social

## ABSTRACT

The present dissertation constitutes, besides a study of qualitative nature, as a personal trip of its author, that in writing it and pretending to perceive the existing transformations in a territory, ended up transforming itself also from the moment in which he changed his residence and even his country to do it. My trip to Madrid in 2016 ended up determining the theme presented here. Knowing beforehand that I wanted to carry out a study in which I was close to people in general, I've chosen two multicultural neighborhoods in the city to conduct an ethnographic investigation through the follow-up of the activities of two institutions operating on the ground in the district of Tetuán and in the neighbourhood of Lavapiés, specifically La Rueca and Culturas Unidas. The basis of the work is the way in which the coexistence of different cultures is generated in the same space and to what extent it generates interaction. In addition, the migratory phenomena that, at different times, arrived in Madrid, contributed to a reconfiguration of the identity of the city, of who lived in it and who reached it in the meantime. These new identities in constant change lead simultaneously to the formation of new forms of citizenship in a world in which the word nation gradually loses its uniform and homogeneous character, gaining a new format that is guided by diversity and heterogeneity, despite resistances. In summary, I intend to understand how these phenomena is formed in a city like Madrid and what kind of influence have the institutions working on the ground the themes of migration and the integration of new cultures in a space.

### **Keywords**

Coexistence, interaction, citizenship, nationality, multiculturality, interculturality, intercultural mediation, social intervention

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	1
Resumo	2
Abstract	3
Índice Geral	4
Índice de figuras	6
Índice de tabelas	7
Índice de apêndices	8
Introdução	9
Capítulo 1- A chegada: Análise macrossociológica da cidade de Madrid	14
Capítulo 2- Da problemática e revisão conceptual	19
2.1 - Aprofundamento da problemática- definição da pergunta de partida e dos objectivos centrais do estudo	19
2.2- Conceitos fundamentais	22
Capítulo 3- Metodologia	35
3.1- Epistemologia e opções metodológicas	35
3.2- Intervenção em La Rueca e Culturas Unidas	35
3.2.1- La Rueca	35
3.2.2- Culturas Unidas	40

Capítulo 4 -Da mediação intercultural nos Distritos de Madrid	44
4.1- Tetuán	44
4.2- Lavapiés	47
4.3- Apresentação e discussão dos resultados	50
Conclusões	62
Bibliografia	67
Apêndices	72

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Madrid por Distritos	16
Figura 2: Composição do Distrito de Tetuán por bairros	44

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: População por Distrito em Madrid	17
Tabela 2: População por País de Nacionalidade por Distrito de residência (janeiro 2018)	18
Tabela 3: Número de habitantes no Distrito de Tetuán por bairro	45
Tabela 4: Habitantes nos bairros do Distrito de Tetuán por nacionalidade (janeiro 2018)	46
Tabela 5: Número de habitantes no Distrito Centro por bairro	48
Tabela 6: Habitantes nos bairros do Distrito Centro por nacionalidade (janeiro 2018)	49

## ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 1: Actividades em Tetuán	73
Apêndice 2: Actividades em Lavapiés	75
Apêndice 3: Guião da entrevista	77
Apêndice 4: Sinopse da Entrevista 1	78
Apêndice 5: Sinopse da Entrevista 2	82
Apêndice 6: Sinopse da Entrevista 3	84
Apêndice 7: Análise comparativa da sinopse das entrevistas	87
Apêndice 8: Diário de campo	88

## INTRODUÇÃO

Sempre me senti atraído pelas cidades. Pelo fluxo de pessoas que passam por elas, todos os dias, numa mistura de residentes, visitantes, pessoas que ali estão por motivos de trabalho, outros que ali passam dias de lazer e por muitas outras razões. São lugares que normalmente oferecem uma vasta gama de escolhas no que diz respeito à cultura, gastronomia, actividades diversas, estruturas de edificios diferentes e, deste modo, se caracterizam acima de tudo pela heterogeneidade. A dimensão dessa heterogeneidade tem vindo a crescer com os novos fluxos migratórios que vão atravessando o mundo, sendo que, se há algumas décadas se verificavam sobretudo migrações internas, estas acabaram por se ir assumindo cada vez mais como migrações internacionais ao longo dos anos.

Em 2015, segundo dados do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da ONU (DESA), havia no mundo um total de 244 milhões de migrantes internacionais, tendo havido desde 2000 um aumento de 41%. Se no passado se emigrava para determinados países em função da língua, dos costumes e formas de estar relativamente semelhantes, isto é, de alguma maneira havia movimento mas sempre com um factor subjacente que constituísse paralelamente uma zona de conforto em que os indivíduos se poderiam refugiar, verifica-se que, com maior incidência no fim do século XX e no início do século XXI, esta natureza transformou-se, trazendo novos desafios ao mundo global, tanto para quem se desloca como para quem acolhe. Hoje é muito natural ver as populares “lojas de chineses” numa cidade pequena, por exemplo. Independentemente de políticas mais ou menos conservadoras, temos por certo que, haja o que houver, já nada será como dantes.

O mundo mudou e está em mudança constante. Importa saber como esta mudança está a ser processada e que tipo de integração/ inclusão existe em relação aos imigrantes além da percepção que estes têm sobre os mecanismos que levam ou não à mesma. Com esta mudança transformam-se também as identidades. As novas vagas migratórias continuam a “agitar a política, a testar a tolerância e o respeito e a alterar as identidades culturais” (National Geographic Portugal, outubro 2016).

Pretendo investigar e compreender com este estudo se estas mudanças identitárias nos levarão a um caminho em que se possa construir uma identidade intercultural, em que da coexistência se passe à convivência entre culturas (Touraine, 1998; Jares, 2007), em que se perceba o mundo como modo de vida. Se nas nossas casas possuímos produtos provenientes de uma multiplicidade de países, abrindo-se porta à livre circulação de mercadorias, até que ponto é que

caminhamos para a livre circulação de pessoas? E, se ela for real, em que medida é que a ocupação comum de um determinado território leva à criação ou não de laços sociais concretos entre diferentes?

Em outubro de 2016, já como estudante de Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, decidi, aproveitando alguns dias livres, fazer uma viagem a Madrid. Já tinha estado várias vezes na cidade mas quis voltar. Não sabia nessa altura que uma pequena viagem para reavivar memórias iria mudar a minha vida. Fiquei alojado em casa de amigos no bairro de Opañel, no Distrito de Carabanchel, que, como mostrarei mais à frente neste estudo, é o quinto na cidade de Madrid com mais estrangeiros, com uma percentagem de 16,67% de residentes não nascidos em Espanha (Observatório de Inmigración de Madrid, 2016). Desde o primeiro minuto senti que, de alguma forma, em certos momentos não estava em Espanha, sobretudo pelo ambiente sul americano que ali se vivia, com muitas lojas de comércio em que se vendiam produtos provenientes da América do Sul e com a presença nas ruas de muitos imigrantes. Pensei no conceito de sociedades paralelas (*Parallelgesellschaft*), utilizado por Wilhelm Heitmeyer, que se refere à “à auto-organização de uma minoria étnica ou religiosa, sobretudo com antecedentes migratórios, cujo intento é o contacto mínimo ou reduzido (espacial, social e cultural) com a maioria populacional da sociedade do país de acolhida” ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade\\_paralela](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_paralela)) e por Jurgen Nowak relativamente ao que se vive em algumas cidades alemãs (mas que existem também em muitos outros países do mundo). Em Opañel respiravam-se outras culturas sem que sentisse que os nativos da cidade tivessem ali muita presença, sendo claras as reconfigurações identitárias (Vieira, 2009; Vieira, Marques e Margarido, 2013) processadas naquele local da cidade. Mais tarde vim a perceber que obviamente existia ali uma percentagem elevada de população espanhola mas senti a presença acentuada de outras culturas em determinados espaços da cidade, levando-me a criar o objetivo de perceber se, face à multiplicidade de culturas existentes num mesmo espaço, se verifica apenas uma coexistência ou uma convivência efectiva entre elas. De acordo com Jares (2007), “conviver é viver com os outros”, mas até que ponto a coabitação leva à criação efectiva de espaços de convivência?

Estas questões levaram-me a querer regressar várias vezes a Madrid nos meses seguintes, aproveitando para investigar um pouco mais sobre as dinâmicas migratórias ali existentes. A escolha de Madrid como local de realização da minha dissertação deve-se, então, à visita feita em outubro de 2016, às observações feitas, e ao facto de ser uma grande cidade, sendo claro que as dinâmicas, fluxos e transformações socioculturais se processarão ali de forma mais evidente que em outros espaços, permitindo-me um maior aprofundamento do tema. Assim, numa

primeira instância, centrei-me no bairro de Lavapiés, no Distrito Centro<sup>1</sup>, onde há uma maior quantidade de imigrantes (21,29% de imigrantes em todo o Distrito, de acordo com dados de 2016 do Observatório de Inmigración de Madrid), tendo ali feito, ao longo do ano de 2017, várias visitas. Pelo facto de haver ali uma grande quantidade de migrantes e experiências promovidas pelos mesmos ou a eles direcionadas e por, de acordo com alguns residentes no bairro, o paradigma do mesmo estar lentamente a mudar (é actualmente um bairro na moda em Madrid, o que leva à subida dos preços de arrendamento das casas, afastando lentamente a imigração do local, pelo menos a existente actualmente), decidi estudar igualmente uma área em que predomina também a imigração, no caso o Distrito de Tetuán, com um total de 17,34% (Observatório de Inmigración de Madrid, 2016), sendo o terceiro Distrito com mais imigração na cidade. A escolha prende-se com o contacto com uma das instituições que trabalha no local-La Rueca<sup>2</sup>, que atua em vários locais da cidade, mas ali tem a sua *Oficina Municipal de Información y Orientación para la Integración Social de Población Inmigrante*<sup>3</sup>, com quem tive uma reunião prévia em outubro de 2017. A configuração do próprio Distrito, uma antiga periferia que se transformou paulatinamente em centro da cidade a partir do momento em que o Plan Castro foi criado para alargar Madrid face à forte densidade populacional concentrada em determinados locais (Burgos, 2015) e do facto de, por tradição, ter sido ao longo dos tempos um local em que habitavam sobretudo migrantes internos, juntando-se depois migrantes internacionais sobretudo das Filipinas, Paraguai e República Dominicana (Diagnóstico de Bellas Vistas, 2016: 9), revelou-se para mim um objeto de estudo, congregando vários tipos de migrantes na capital de Espanha.

Os principais objectivos deste serviço coincidem, em parte, com os desta dissertação, que se interessa por estratégias de promoção da convivência a partir da coexistência social. Esses objectivos passam pelo favorecimento de ações ou processos orientados para a promoção do encontro intercultural, alavancando situações de coexistência entre grupos para uma convivência entre cidadãos (Touraine, 1998; Jares, 2007), realizando ações de mediação comunitária (Giménez, 2003), promovendo um conhecimento partilhado da realidade do bairro

---

<sup>1</sup> Madrid, à semelhança das cidades espanholas, possui como configuração geográfica e administrativa distritos e bairros que estão dentro dos distritos.

<sup>2</sup> Instituição que trabalha com imigrantes residentes em Madrid, possuindo diversas valências. Para conhecimento da organização consultar [www.larueca.info](http://www.larueca.info).

<sup>3</sup> Parte integrante de La Rueca.

para detetar necessidades comuns e buscando soluções comunitárias e construindo sinergias entre os agentes da comunidade, tais como vizinhos, recursos sociais ou administração.<sup>4</sup>

Paralelamente, no referido bairro de Lavapiés, entrei em contacto com uma das organizações ali existentes, denominada Culturas Unidas, atraído numa primeira instância pelo nome da mesma. Fui ao longo dos meses também acompanhando o seu trabalho, com destaque para as actividades interiores e exteriores dirigidas a imigrantes, como o trabalho com crianças e jovens (actividades ao ar livre e dinâmicas dentro da organização) e também as realizadas com adultos, nomeadamente as aulas de espanhol ou as feiras de artesanato. Em Culturas Unidas, a noção de empoderamento está muito presente, pautando a sua ação pela procura de mecanismos de integração social das pessoas que a frequentam. Destaca-se aqui o facto de grande parte das ações serem promovidas por voluntários, sendo a grande maioria deles imigrantes.

Apresentadas as ONG<sup>5</sup> La Rueca e Culturas Unidas e sua missão, pretendo, através de um trabalho de campo de natureza etnográfica, perceber e avaliar a eficácia deste trabalho social junto das populações do Distrito de Tetuán e do bairro de Lavapiés.

Será estudado o Distrito de Tetuán e o bairro de Lavapiés (um dos bairros do Distrito Centro) em Madrid, pretendendo-se perceber em que medida é que a coexistência entre diversas culturas no local leva, ou não, a uma convivência entre estas (Touraine, 1998; Jares, 2007; Vieira, 2013), passando-se então de uma multiculturalidade para uma interculturalidade (Touraine, 1998; Vieira, Marques e Margarido, 2013; Vieira, Marques, Silva, Vieira e Margarido, 2017) e como é que o trabalho efetuado por La Rueca e Culturas Unidas influencia esse fenómeno. Deste modo a estruturação do estudo seguirá os seguintes passos:

### **1. Análise macrossociológica da cidade de Madrid**

É feita a especificação das principais características da cidade, nomeadamente a evolução histórica da cidade, para que seja possível perceber a estrutura que ali existe na actualidade no que diz respeito à população residente e à sua distribuição.

### **2. Da problemática e revisão conceptual/ Conceitos fundamentais**

Pretende refletir o aprofundamento da problemática, a definição da pergunta de partida e dos objectivos centrais do estudo.

---

<sup>4</sup> Missão central de La Rueca. Para melhor compreender a missão desta organização, consultar [www.larueca.info/quienes-somos/](http://www.larueca.info/quienes-somos/)

<sup>5</sup> Organização Não Governamental

Faço a análise dos conceitos chave para a realização do estudo, nomeadamente as identidades, com base nas descrições de Alain Touraine (1998), Bauman, com as identidades líquidas (2005), em gerúndio (Vieira, 2009) ou compósitas (Maalouf, 2000), oblato e trânsfuga intercultural (Vieira, 2013), coexistência e convivência, assimilação, integração e inclusão, multiculturalidade, interculturalidade e mediação (Giménez, 2003; Vieira, 2011), a potencialidade da mediação intercultural vs mediação de conflitos (Vieira & Vieira, 2017).

### **3. Epistemologia e opções metodológicas**

Em termos epistemológicos, reflito, primeiro, sobre a necessidade de conhecer as pessoas por dentro, captar o ponto de vista dos intervencionados (Geertz, 1973; Vieira, 2011; Angrosino, 2012), entrar na sua realidade para conhecer o meio a estudar, conviver com os mesmos e realizar entrevistas no terreno. De seguida, apresento os métodos e técnicas, particularizando o estudo de natureza etnográfica, incluindo descrições do investigador registadas no diário de campo.

### **4. Da mediação intercultural nos Distritos de Madrid**

Apresento aqui o fundamental do trabalho de campo realizado:

Em La Rueca e Tetuán - análise microssociológica sobre o Distrito de Tetuán e o trabalho da ONG La Rueca. É feita uma contextualização do Distrito em si, desde as suas origens até à situação actual, como evoluiu e chegou àquilo que é hoje, o terceiro Distrito com mais imigração em toda a capital espanhola;

Em Culturas Unidas e Lavapiés - a análise reveste-se das mesmas características do ponto anterior, mas centrando-me mais concretamente na actividade desenvolvida por esta organização no bairro de Lavapiés, procurando descrever as características base do local.

Descrevo o acompanhamento realizado através de observação participante (Geertz, 1973; Vieira, 2011; Angrosino, 2012), do trabalho das referidas ONG junto da população local, nativos e imigrantes. Aqui incluem-se experiências paradigmáticas de passagem da coexistência à convivência no local, com base em entrevistas realizadas a pessoas que participam diariamente nas dinâmicas locais.

## Capítulo 1- A chegada: Análise macrossociológica da cidade de Madrid

Madrid é desde há muito tempo uma cidade atractiva para visitantes, sendo uma das cidades mundiais que mais indivíduos atrai. De acordo com a Mastercard, foi, em 2017, a 25ª cidade mais visitada em todo o mundo, com um total de 5,5 milhões de pessoas que a ela se deslocaram com propósitos diferentes. É, à semelhança de outras, uma grande capital, com muitas atracções e pontos de interesse. Este capítulo destina-se a analisar as características gerais da cidade, não em termos de turismo mas no que diz respeito à população e ao fenómeno migratório que a atravessou nas últimas décadas, além do processo de obtenção de residência, cidadania e nacionalidade (que, tal como vamos ver mais à frente, no capítulo 2, são fenómenos distintos) na cidade a partir de dados objectivos e da minha experiência pessoal, assumindo que a minha reconfiguração identitária, o eu como objeto da interculturalidade (Lahire, 2004; Vieira, 2014), terá, ao longo do texto, uma dimensão preponderante.

Cheguei para viver, de forma efectiva à cidade, em janeiro de 2018. Tendo previamente conhecimentos na cidade tudo se torna mais fácil, pelo menos no que diz respeito ao essencial, que é ter uma casa para viver. Ser europeu também relativiza as dificuldades de entrada num país, embora não se deva menosprezar o facto de que a entrada numa nova realidade pressupõe sempre uma transformação de ambas as partes (Giménez, 2003; Jares, 2007; Tourraine, 1998), de quem chega e de quem já está, embora isso nem sempre seja reconhecido pelas forças mais conservadoras de ambos os lados.

Assim, ao chegar, o nível mais social estava assegurado, mas, no caso de Espanha, para que a integração se possa considerar mais ou menos plena no que em termos legais diz respeito, e para que qualquer pessoa, comunitária ou extra comunitária tenha um trabalho, são necessários quatro documentos: um certificado de residência (*empadronamiento* em espanhol), o NIE (*Número de Identificación Extranjera*), um número de Segurança Social e uma conta bancária. Em todo o processo há muita informação disponível e, sobretudo, contra informação, na medida em que muitas das impressões por parte das entidades que o tutelam são divergentes. Assim, o certificado de residência pode ser obtido deslocando-se ao *Ayuntamiento* (Câmara Municipal) ou *Junta Municipal* (corresponde a uma Junta de Freguesia), fazendo-se acompanhar de uma pessoa com quem vamos morar e de um documento comprovativo que essa pessoa vive ali. A partir daí é necessário marcar um dia para fazer o NIE (no caso de Madrid a espera ronda as duas semanas) - normalmente, para o conseguir, é preciso um contrato de trabalho prévio, mas, para ter um contrato de trabalho, na maioria das ocasiões é pedido o NIE, o que pode ser resolvido de duas formas - ou obtendo um NIE provisório, com a validade de 3 meses, mas que obriga no final dos mesmos a obter um definitivo ou comprando um seguro de saúde privado, na

medida em que o Estado espanhol não se responsabiliza pelas despesas de saúde do estrangeiro que viva no seu território até que tenha assignado um número de Segurança Social. Acontece que para obter um seguro de saúde as companhias exigem que o pagamento seja feito através de uma conta espanhola, sendo que, para abrir uma conta, na grande maioria das ocasiões é exigido o NIE. A inscrição na Segurança Social é um processo fácil e para abrir uma conta bancária grande parte dos bancos pedem que se apresente previamente um contrato de trabalho. Assim, emigrar torna-se difícil face às diversas burocracias existentes, sendo estas superiores no caso dos imigrantes não comunitários e obriga a alguma persistência para filtrar a informação pouco relevante ou transparente, já que é muito fácil entrar num efeito bola de neve. De qualquer forma é notório que vir sem um contrato de trabalho prévio ou sem conhecer ninguém na cidade leva a que se torne praticamente impossível que o processo migratório seja feito de maneira legal, sendo que algumas destas exigências triplicam no caso dos imigrantes extra comunitários.

Nesta dissertação procurarei não falar concretamente dos estrangeiros residentes em Madrid, mas, sobretudo, da interação estabelecida entre estes e os nativos da cidade e das relações estabelecidas entre ambos numa cidade multicultural, da forma sobre a qual se revestem, isto é, se existe, acima de tudo, assimilação, integração, inclusão ou outras convivências mestiças alicerçadas em paradigmas mais utópicos como o da interculturalidade. (Giménez, 2003; Jares, 2007; Vieira, 2011).

Sobretudo em finais dos anos 90, Madrid e Espanha em geral passaram por uma fase de crescimento económico, fruto de factores internos, como o fim da ditadura de Franco nos anos 70 e de factores externos, onde se destaca, por exemplo, a entrada do país na CEE (Comunidade Económica Europeia). De um país de emigrantes ao longo de várias décadas do século XX, sobretudo para a América Latina e outros países europeus (Fuentes, 2009; Alonso, 2015), Espanha foi-se tornando num país de imigrantes, recebendo pessoas de diversas nacionalidades sobretudo na última década do século XX e no século XXI e tornando-se um dos países que mais recebeu imigrantes em toda a União Europeia e no mundo (Arango e Finotelli, 2009; Roa, 2017), sendo que a crise global que surgiu no final da primeira década do século XXI não abrandou o fluxo. Contudo, esta vaga imigração é recente, tal como em Portugal, sendo que ambos os países viveram aquando da entrada na União Europeia em 1986, uma política de “imigração zero, tão restritiva e selectiva nas entradas que, na prática, estancasse o fluxo migratório”. (Baganha, 2005: 32). Madrid, como capital de Espanha e principal centro económico, financeiro e político, sofreu mudanças mais do que qualquer outra cidade do país ao longo do século XX. Numa primeira fase foram as migrações internas, por haver mais emprego e supostamente mais condições de vida, provenientes de vários locais de Espanha, dando origem a uma nova morfologia da cidade; numa segunda fase, “a finales de la década de 1990 y, en

especial, a partir del año 2000, los inmigrantes procedentes de otros países se han convertido en el eje y motor de la evolución demográfica de la ciudad” (Madrid Convive, 2009: 10). Tal como em Portugal, “a partir de 2000, inicia-se um processo de transformação das origens geográficas” (Marques, 2011: 217).

De acordo com a *Encuesta de la convivencia de la ciudad de Madrid de 2009*, entre os anos de 2000 e 2009, houve um aumento de 365% do número de estrangeiros, tendo entrado na cidade 415707 pessoas provenientes de outros países. A chegada de imigrantes contribuiu para a mesma publicação, “para una pirámide demográfica rejuvenecida” (Madrid Convive, 2009: 12). Estes novos residentes provocaram uma revolução demográfica a vários níveis, que não passou apenas pelo rejuvenescimento, mas, também e sobretudo, pelo estabelecimento de novas configurações identitárias resultantes da presença continuada de indivíduos provenientes de outras culturas e da necessidade de perceber novas formas de viver e conviver numa cidade onde passam a coexistir “183 nacionalidades distintas procedentes de todos los continentes” (Madrid Convive, 2009: 13). De tudo isto advém que, pensando um pouco, todos somos descendentes de migrantes de uma forma ou de outra, é a nossa natureza. Somos produtos de movimentos gerados pelos nossos antepassados ou de nós mesmos, “todo país, en mayor o menor medida, ha sido una tierra de paso” (Mas, 2009: 9).

Madrid é a capital de Espanha, onde se situam a maioria das estruturas governamentais do país e onde está estabelecido o Rei. É também o centro da Comunidade de Madrid. A cidade em si é constituída por 21 Distritos, cada um com uma Junta Municipal<sup>6</sup>. Na figura abaixo podemos ver a estrutura geográfica da cidade, com a representação dos seus 21 Distritos.

**Figura 1: Madrid por Distritos**



<sup>6</sup> Os Distritos correspondem às Freguesias em Portugal e as Juntas Municipales às Juntas de Freguesia

Continha, em janeiro de 2018, mais de 3,2 milhões de habitantes, dos quais 423875 (cerca de 13,12%) eram estrangeiros, tal como podemos ver na tabela abaixo, concentrados percentualmente sobretudo nos Distritos de Centro (21,98%), Usera (20,57%) e Tetuán (18,05%). Esta concentração superior em determinados Distritos e a tendência para o aumento da mesma poderá ter a ver com a criação de zonas de conforto a partir do momento em que, à chegada à cidade, os imigrantes preferem fixar-se em locais onde já residem outros compatriotas.

**Tabela 1: População por Distrito em Madrid**

Distrito / Bairro	1 de janeiro de 2018			
	Nacionalidade			% de estrangeiros
	Total	Espanha	Outro país	
<b>CIDADE DE MADRID</b>	<b>3 231 062</b>	<b>2 807 104</b>	<b>423 875</b>	<b>13,12</b>
<b>CENTRO</b>	<b>132 781</b>	<b>103 591</b>	<b>29 182</b>	<b>21,98</b>
<b>ARGANZUELA</b>	<b>153 347</b>	<b>138 728</b>	<b>14 615</b>	<b>9,53</b>
<b>RETIRO</b>	<b>119 349</b>	<b>110 931</b>	<b>8 418</b>	<b>7,05</b>
<b>SALAMANCA</b>	<b>145 692</b>	<b>127 459</b>	<b>18 231</b>	<b>12,51</b>
<b>CHAMARTÍN</b>	<b>145 344</b>	<b>132 134</b>	<b>13 205</b>	<b>9,09</b>
<b>TETUÁN</b>	<b>156 470</b>	<b>128 223</b>	<b>28 243</b>	<b>18,05</b>
<b>CHAMBERÍ</b>	<b>138 842</b>	<b>123 992</b>	<b>14 850</b>	<b>10,70</b>
<b>FUENC.-EL PARDO</b>	<b>243 552</b>	<b>224 227</b>	<b>19 323</b>	<b>7,93</b>
<b>MONCLOA-ARAVACA</b>	<b>118 223</b>	<b>106 475</b>	<b>11 748</b>	<b>9,94</b>
<b>LATINA</b>	<b>236 452</b>	<b>202 234</b>	<b>34 210</b>	<b>14,47</b>
<b>CARABANCHEL</b>	<b>248 941</b>	<b>204 610</b>	<b>44 323</b>	<b>17,80</b>
<b>USERA</b>	<b>137 412</b>	<b>109 143</b>	<b>28 263</b>	<b>20,57</b>
<b>PUENTE VALLECAS</b>	<b>231 175</b>	<b>193 655</b>	<b>37 515</b>	<b>16,23</b>
<b>MORATALAZ</b>	<b>94 521</b>	<b>86 561</b>	<b>7 958</b>	<b>8,42</b>
<b>CIUDAD LINEAL</b>	<b>215 100</b>	<b>186 751</b>	<b>28 338</b>	<b>13,17</b>
<b>HORTALEZA</b>	<b>184 334</b>	<b>167 175</b>	<b>17 157</b>	<b>9,31</b>
<b>VILLAVERDE</b>	<b>145 993</b>	<b>119 632</b>	<b>26 356</b>	<b>18,05</b>
<b>VILLA DE VALLECAS</b>	<b>107 860</b>	<b>95 697</b>	<b>12 157</b>	<b>11,27</b>
<b>VICÁLVARO</b>	<b>71 120</b>	<b>62 966</b>	<b>8 153</b>	<b>11,46</b>
<b>S. BLAS-CANILLEJAS</b>	<b>156 635</b>	<b>139 247</b>	<b>17 386</b>	<b>11,10</b>
<b>BARAJAS</b>	<b>47 919</b>	<b>43 673</b>	<b>4 244</b>	<b>8,86</b>

Fonte: Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid en [www.madrid.es](http://www.madrid.es)

Na tabela 2 podemos ver, dentro da população estrangeira existente, quais as nacionalidades mais representativas no início de 2018. Aqui sobressai a população romena, com 45718 (cerca de 10,78% do total de estrangeiros residentes na cidade). É notório, dentro das 20 nacionalidades mais representadas, a proeminência de vários países da América Latina, tais como o Equador, a Colômbia, a Venezuela, o Paraguai, a República Dominicana, o Perú, a Bolívia ou as Honduras, facto ao qual não será estranho a partilha do mesmo idioma.

**Tabela 2: População por País de Nacionalidade por Distrito de residência (janeiro 2018)**

<b>País de nacionalidade</b>	<b>Cidade de Madrid</b>
<b>% DE ESTRANGEIROS</b>	<b>13,12</b>
<b>ROMÉNIA</b>	<b>45 718</b>
<b>CHINA</b>	<b>37 031</b>
<b>EQUADOR</b>	<b>24 477</b>
<b>MARROCOS</b>	<b>21 781</b>
<b>COLÔMBIA</b>	<b>20 852</b>
<b>VENEZUELA</b>	<b>19 502</b>
<b>ITÁLIA</b>	<b>18 840</b>
<b>PARAGUAI</b>	<b>18 309</b>
<b>REP. DOMINICANA</b>	<b>17 713</b>
<b>PERÚ</b>	<b>17 276</b>
<b>BOLÍVIA</b>	<b>15 254</b>
<b>HONDURAS</b>	<b>13 738</b>
<b>FILIPINAS</b>	<b>12 398</b>
<b>UCRÂNIA</b>	<b>9 429</b>
<b>FRANÇA</b>	<b>9 343</b>
<b>BRASIL</b>	<b>8 995</b>
<b>PORTUGAL</b>	<b>8 974</b>
<b>BULGÁRIA</b>	<b>8 012</b>
<b>E.U.A.</b>	<b>7 113</b>
<b>REINO UNIDO</b>	<b>5 935</b>

Fonte: Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid en [www.madrid.es](http://www.madrid.es)

## **Capítulo 2- Da problemática e revisão conceptual**

### **2.1 - Aprofundamento da problemática: definição da pergunta de partida e dos objectivos centrais do estudo**

A metodologia seguirá o paradigma interpretativo (Geertz, 1973) e compreensivo (Weber, 2016) e uma abordagem de cariz etnográfico, recorrendo à observação directa distanciada, à observação participante (Iturra, 1986; Vieira, 2011; Angrosino, 2012; Faria e Vieira, 2016), às entrevistas como conversa (Burgess, 1997) bem como à análise de conteúdo das políticas idealizadas pela ONG em questão.

A ideia base subjacente é que, “para vivermos juntos, as identidades têm que ser transformadas, têm de ser identidades em gerúndio” (Vieira, 2009) e em transformação. Não se pode falar em mediação intercultural com base em identidades clássicas de cariz fossilizado.

Pretendo, através de um trabalho de campo de natureza etnográfica, perceber e avaliar a eficácia da intervenção social realizada pelas duas ONG apresentadas no capítulo 3 junto das populações das comunidades a estudar, tentando responder à seguinte pergunta de partida:

- Em que medida a intervenção social realizada promove transformações da coexistência social em convivência intercultural em bairros urbanos heterogéneos?

A realização da dissertação numa cidade como Madrid leva a que eu próprio seja um sujeito das reconfigurações identitárias (Lahire, 2004) que são, como mostrarei mais à frente, um dos centros deste estudo. Quem sou eu perante o novo cenário? Que transformações ocorreram e como me posiciono eu nelas? Como imigrante em Madrid que opinião terei sobre as perguntas que eu próprio farei como entrevistador? A primeira consequência é que na recensão bibliográfica realizada se reflecte uma escrita praticamente bilingue, uma vez que boa parte das publicações consultadas estavam no idioma espanhol, sendo este transportado para a dissertação em si.

Esta investigação parte do geral para o particular, contextualizando historicamente na segunda metade do século XX e início do século XXI a cidade de Madrid e Espanha em si no que diz respeito à sua estruturação actual, ou seja, os principais factores que justificam a maior ou menor presença de imigrantes na capital face ao volume total da população existente. Apesar de uma aparência meramente teórica, considero este capítulo essencial para entender como se chegou ao presente ano e a natureza dos fenómenos que caracterizam Madrid em termos migratórios no século XXI.

Parto, num segundo momento, para uma análise aprofundada dos principais conceitos a ser estudados nesta dissertação. Neles, destaco os seguintes, sob a forma de áreas chave:

### **Identities e sentimento de pertença**

Touraine (1998: 13) refere que “só podemos viver juntos com as nossas diferenças se nos reconhecermos mutuamente como Sujeitos”. Há determinados princípios culturais unificadores, tais como a religião, a etnia ou a nação, que conferem uma identidade própria e homogênea a um determinado grupo de indivíduos. A questão a fazer aqui é até que ponto se gera uma situação de crise a partir do momento em que um indivíduo passa a estar entre duas culturas. Abraçará uma? Outra? As duas? Para definir isto muito contribuem os conceitos de oblato e trãnsfuga intercultural, de Ricardo Vieira (1999; 2013), que sublinham a questão processual e mutável das identidades, e de Zygmunt Bauman (2005), que se refere a “identidades líquidas”, rejeitando a assunção de um caráter definitivo para as mesmas. Antes refere que “o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (2005: 17). Estas reformulações identitárias conduzem-nos à distinção necessária entre coexistência e convivência, questão sobre a dúvida se poderemos ou não viver juntos sendo diferentes. Alain Touraine responde que “nós já vivemos juntos” (1998: 13), mas enquanto a coexistência nos conduz à ideia de separatismo, multiculturalidade e tolerância, a convivência corresponderá à interculturalidade, reconhecimento e respeito de cada cultura dentro do seu direito à diferença (Vieira e Vieira, 2017).

### **Cidadania e nacionalidade**

Face a Estados nacionais que, em muitos casos, procuram promover a unificação através da assimilação, importa perceber o que é ser cidadão nas sociedades contemporâneas e até que ponto a obtenção da nacionalidade é hoje em dia um requisito fundamental para isso. De acordo com Alain Touraine (1998: 219), “este modelo de sociedade nacional, com as suas qualidades e os seus defeitos, está a enfraquecer”. A homogeneização promovida por Estados com vista à unidade/uniformização colide com as identidades múltiplas que se vão manifestando cada vez mais nas sociedades contemporâneas. Habermas, citado por Touraine (1995: 21), defende a convivência pacífica através de um conjunto de leis iguais que comunidades heterogêneas devem respeitar. Contudo, isto não assegura a convivência pacífica entre elas.

## **Multiculturalidade, interculturalidade e mediação**

Ricardo Vieira (2008) coloca a tónica na sua definição de interculturalidade, como “um paradigma alternativo que reivindico para a educação e em geral para toda a vida social: a comunicação entre diferentes não necessariamente de maneira desigual”. Sublinha-se assim a necessidade de eliminação da hierarquização da diferença nas relações sociais entre a sociedade de acolhimento e os imigrantes ali residentes. Wieviorka (1995) refere “a possibilidade da coexistência da diversidade na unidade”. Aqui importa perceber que efeitos práticos tem a mediação no estabelecimento de pontes entre a multiculturalidade (coexistência) e a interculturalidade (convivência) em bairros multiculturais mas não necessariamente interculturais. A este nível serão também estudados os conceitos de assimilação, integração e inclusão, tentando-se perceber onde se enquadram os indivíduos a ser entrevistados, tanto ao nível da natureza dos conceitos como à sua percepção sobre eles.

Além destes conceitos, ao longo de toda a dissertação estarão presentes os conceitos de mediação intercultural e intervenção social, além dos de coexistência e convivência (Lopes, 2012)

Seguidamente conduzo uma análise de carácter microsociológico, sendo a partir daí que entro no Distrito de Tetuán e no bairro de Lavapiés em concreto. Nesta fase, procuro, à semelhança do primeiro capítulo, caracterizar a natureza e a estruturação actual, mas, no caso, mais especificamente nos territórios em análise. Paralelamente, é feita uma análise das formas de mediação intercultural ali existentes, com destaque para o trabalho realizado por algumas instituições que ali operam, nomeadamente La Rueca e Culturas Unidas. Envolverá este processo não só a consulta de documentos mas, também, e sobretudo, o acompanhamento do trabalho institucional ali desenvolvido ao nível da mediação sociocultural e, além disso, o estabelecimento de interações e observação participante com residentes ou frequentadores do bairro.

A quarta e última parte desta dissertação baseia-se na condução e apresentação de entrevistas com base em relatos da população imigrante residente ou com vivência diariamente em Tetuán e Lavapiés fruto da observação participante realizada a partir das interações estabelecidas anteriormente com a comunidade. Pretendo com isto não o estudo de toda a realidade do local e ainda menos o mapeamento das principais características dos territórios utilizando metodologias extensivas e quantitativas, mas, antes, o perceber como se perfilam as observações realizadas nas análises anteriormente recolhidas em Madrid, ao nível macro, e em Tetuán e Lavapiés ao nível micro.

## 2.2- Conceitos fundamentais

Todos temos um identidade mais objetiva e outras mais subjetivas, mais ou menos dinâmicas, como sejam os processos de identificação e os sentimentos de pertença. De acordo com Delgado (2006: 57), “identidad es un conjunto de rasgos, supuestamente objetivos, esto es, que cualquiera puede ver, como características físicas peculiares, lengua, religión, etc., que se constituyen en elementos definatorios de una condición humana y social diferente a los demás”. Já Kauffman (2004) e Costalat – Founeau (1997) vêem-na como “algo dinámico, un proceso, un producto, principalmente cultural y social, elaborado por la comunidad, la cual se define, proporcionándole un sentido y significado particular necesario para su existencia”. É, no fundo, uma imagem partilhada. Todos nós temos uma identidade, contudo, ainda que pensemos que não, ela é cada vez mais compósita (Maalouf, 2000) ou em gerúndio (Vieira, 2009), porque a realidade à nossa volta é muito mais complexa do que aparenta e ao mesmo tempo estamos em mudança constante – o nosso eu de hoje não será o mesmo que daqui a 10 anos devido a uma multidimensionalidade de factores internos e externos que pautam a nossa vida.

A identidade está igualmente associada ao conceito de unidade de um determinado grupo, no sentido em que num momento específico o mesmo deverá obedecer a padrões de conduta semelhantes no que diz respeito aos seus comportamentos e atitudes. Sorokin (1969) refere que “una vez nacido, el grupo organizado debe presentar su unidad a la vez que su identidad”. Os principais elementos geradores de identidade são “el sexo, la nación, el origen religioso, la ideología política, la clase social, la situación de la familia, la edad y la profesión” (Zavalloni, 1975; Graumann, 1983).

O sentimento de pertença e a construção de identidades choca com a noção de fronteira, que vai muito além do que acontece quando se cruza dois países. De acordo com Roa (2017: 16), “the border can be in a different place than the boundary between two or more countries”. As fronteiras são acima de tudo um sinónimo de falta de pertença, resultante da ausência de cidadania. Shutika (2011: 10) refere que “boundaries between places are constructed and maintained through social processes that are the product of human construction and not natural features of the social or physical environment”. Deste modo, são acima de tudo uma construção humana, sendo o ser humano o principal gerador da potenciação da diferença. De acordo com Marques (2017: 12), “a conceção clássica da fronteira entende-as de forma linear, com uma base material e territorial, como uma linha que se estende pelas demarcações naturais ou artificiais de um território”. Quando dizemos a alguém que “nota-se que não és de aqui”, estamos automaticamente a gerar uma diferença e a acentuar essa mesma noção de fronteira. Para Touraine (1998: 285), “a dupla identidade – alteridade é substituída pela dupla normalidade – diferença”. Consideram-se normais aqueles que vivem dentro das fronteiras de um território e

seguem as normas e padrões pré- estabelecidos e diferentes todos os demais. Cada território tende a delimitar-se nas suas fronteiras, criando-se a partir delas mapas geográficos e políticos, “o debate em torno do papel do Estado- Nação na gestão das migrações (individualmente ou integrado em instâncias supranacionais) centra-se, maioritariamente, no controle das fronteiras e, assim, na gestão daqueles que podem e não aceder ao seu território” (Marques, 2017: 12). De acordo com Vieira & Vieira (2015), “discute-se a construção e incorporação de atitudes monoculturais, multiculturais e interculturais por parte do Self e reconceptualiza-se o conceito de mestiçagem como capaz de dar conta da complexidade identitária dos sujeitos da contemporaneidade onde a mediação sociocultural e sociopedagógica surgem como instrumentos fundamentais à hospitalidade das culturas e dos sujeitos que as habitam e (re) constroem”. Barrero (2004) cria a noção de mente multicultural para referir-se ao tipo de pessoa que “ao encontrar-se pela primeira vez com alguém de origem imigrante teria como reação, ao invés de perguntar-lhe onde nasceu, onde vive”.

Verifica-se também uma tendência para a criação de uma visão “exótica” das identidades minoritárias dentro de um determinado território, partindo-se do princípio que as referências culturais são monolíticas, o que leva a uma “cultura de escaparate” (Mas, 2001: 75), em que se quer conhecer uma cultura através de uma pessoa que supostamente representa essa cultura e se dá um valor comercial à diversidade cultural, convertendo-se assim a cultura num objeto de consumo, que muitas vezes pode ser vista na forma de vestir ou nas músicas que escutamos – criou-se o conceito de *world music*, por exemplo. Ao contrário do que seria expectável, essa forma de entrada das culturas minoritárias na cultura ocidental acaba por não dar mais poder às primeiras, servindo antes como forma de realçar a superioridade e manutenção da hegemonia da segunda – trata-se, no fundo, da apropriação do conhecimento por parte da cultura dominante, transformando-a através da atribuição de novos padrões de consumo, mas não necessariamente dando mais poder às restantes culturas. Anthony Giddens (2007) refere-se a “colonização inversa”, que é no fundo a influência que os países não ocidentais trazem à cultura ocidental. É notório, no entanto, que os migrantes que provêm desses mesmos países e pretendem residir num país onde predomina a cultura ocidental passam por processos iniciais de desidentificação, vão desenvolvendo processos de reidentificação com a nova cultura mediante uma forma muito desigual em cada tipo de imigrante e em cada pessoa, entre os seus parâmetros referenciais anteriores e os que encontram na nova sociedade. Predominam então mecanismos de assimilação, que levam muitas vezes os migrantes a ocultar, negar a própria identidade, resignar-se e submeter-se para poderem de alguma forma ter a oportunidade de singrar, transformando-se no que Ricardo Vieira (2013) designa de “oblato”. Aqui, “tanto o oblato como o trânsfuga intercultural são híbridos, mestiços culturalmente - neste sentido, multiculturais no processo de construção. Mas, o trânsfuga mostra a sua hibridez (partindo da margem esquerda -

a primeira cultura - para atingir a direita, quando atinge esta última sabe que já habitou a primeira e não o esconde), o oblato esconde-a; ou seja, na realidade é também um "terceiro instruído" (Serré, 1994), mas não o mostra ser. Assume-se, em termos de atitude, como monocultural. Ao nível do explícito, manifesta só a chegada - a segunda cultura. O trânsfuga é um terceiro instruído que constrói pontes atitudinais e contextualizadoras entre as esferas culturais que atravessou. Manifesta assim o seu eu intercultural." (Vieira, 1999; Vieira, 2013). É com o terceiro instruído que se gera o processo de reconstrução identitária, sendo que "a construção/ reconstrução da identidade corresponde sempre à integração do novo no já possuído". (Vieira & Vieira, 2016: 37-38). Quer isto dizer que o trânsfuga intercultural se constitui como o paradigma daquela que poderá ser uma sociedade intercultural, encontrando-se "modelado nos sujeitos que utilizam a cultura de origem como um leque de experiências tão válidas quanto as muitas outras presentes quotidianamente na sociedade de acolhimento, levando à conceção de um eu intercultural." (Vieira & Vieira, 2016: 44). Ao aceitar a nova cultura sem rejeitar a anterior, está também a transportar para a sociedade que o acolhe aspetos do que era a sua identidade na sociedade de origem, levando à transformação individual mas também à da sociedade de acolhimento. Nestas situações fica refletido o que pode ser um eu monocultural e um eu intercultural, traçando pontes entre as várias culturas e construindo a sua identidade a partir daí. Montañés (2006) divide em 4 as formas de aculturação numa sociedade: assimilação – "cuando uno va a casa extraña ha de comportarse según las normas de quienes viven en ella"; segregação – "cuando ellos suben yo bajo, cuando ellos bajan yo subo"; integração – "los inmigrantes tendrían que abrirse un poco más, no encerrarse tanto, y participar de las costumbres españolas"; diferenciação – "se han de respetar las tradiciones y costumbres de los demás". As duas últimas podem conduzir à interculturalidade, ao nascimento de culturas híbridas, em constante transformação. Canelini (2006: 86) refere-se a hibridização como "procesos socioculturales en los que estructuras o prácticas discretas, que existían en forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y prácticas". Na hibridização todos se transformam, "la integración en la ciudad no está basada en una sola identidad sino en varias identidades que han de ser respetadas e integradas en una identidad multicultural" (Pérez, 2006: 107).

É evidente que não faz sentido uma democracia em que se imponham valores e predomine a unidireccionalidade, em que apenas um lado determine as normas, levando o outro a ter que aceitá-las para poder integrar-se da forma mais conveniente na sociedade a que visa pertencer. Barrero (2004: 206) refere que a integração deste tipo "se convierte en la mayoría de las ocasiones en una asimilación disfrazada de términos políticamente correctos como respecto, incluir los otros en un nosotros y demás abstracciones que no tienen ningún potencial modificador de la realidad, sino que se convierten en puro barroquismo tranquilizador de

conciencias”. A assimilação, por si mesma, não leva a mudanças estruturais reais a partir do momento em que apenas pretende que tudo se mantenha igual independentemente dos protagonistas que a preenchem em cada momento histórico. De acordo com Lucas e Bueso (2006: 13), “hoy se entiende que la integración (salvo que se trate de asimilación impuesta) implica reciprocidad, negociación entre dos partes”. Quer isto dizer que só existe integração real quando esta pressupõe uma mudança mútua e uma incorporação na sociedade em igualdade de circunstâncias em termos estruturais, sociais, económicos e políticos, sem discriminação de qualquer espécie e, se a natureza dos próprios imigrantes é diferente, não pode existir uma receita única para gerir o processo.

Um dos principais equívocos associados às sociedades modernas é a adoção da cultura como território e não como processo. Quer isto dizer que esta é um fenómeno em constante movimento, que cada vez menos pode ser associado à delimitação das fronteiras dos países, não tendo linhas demarcadas. É um processo porque não é estático, estanque, uma vez que dentro de um mesmo território podem conviver identidades culturais que se enriqueçam mutuamente se houver abertura de ambas as partes. Qualquer cultura é “resultado de un proceso dinámico de contacto” (Mas 2001: 86). Há sempre influências externas em todos os períodos históricos. Se a livre circulação de pessoas ainda não é uma realidade global, é cada vez mais notório o comércio sem fronteiras entre múltiplos territórios. Contudo, a livre circulação de bens significa também “circulação de imigrantes forçados” (Held et al., 1999), num mundo em que “los derechos humanos no han sido pensados para proteger y gestionar conflictos de personas que viven fuera de sus Estados” (Ghosh, 2000).

A renovação ativa das culturas é a chave para a aceitação da pluralidade das mesmas, caminhando-se para identidades líquidas (Bauman, 2005), em gerúndio (Vieira, 2009) ou compósitas (Maalouf, 2000). Maalouf (2000: 2) tem a este nível uma interessante definição que sublinha essa mesma complexidade e multiplicidade: “I haven’t got several identities : I’ve got just one , made up of many components in a mixture that is unique to me , just as other people’s identity is unique to them as individuals”. Deste modo, cada pessoa é uma cultura, um “eu plural” (Lahire, 2004), reflexo de toda a sua história de vida, espelhada nos sítios onde esteve, nas pessoas com quem falou e na percepção adquirida de cada um desses momentos. Sublinhando isso mesmo, Maalouf refere ainda que “my identity is what prevents me from being identical to anybody else” (2000: 10). A multiculturalidade não pode ser assim associada à perda de identidade cultural, mas sim à transformação da mesma e à percepção da sua complexidade. Barrero (2004: 87) refere-se a “identidad colectiva global”, patrocinada, por exemplo, pelos meios de comunicação social que se tornam mediadores com o objetivo de criação de uma “humanidad común, es decir, un conjunto de derechos y de deberes que tienen

las personas por el hecho de ser miembros de una humanidad compartida” (Shutte e Hurley: 1998).

A noção de identidade associada ao conceito de nação é uma construção social. Os nacionalistas associam as duas coisas de forma mecânica, mas cada vez mais se nota uma maior complexidade no conceito de nação, sendo que esta não pode actualmente ser dissociada de forma progressiva da ideia de abandono da homogeneidade como única forma de privilegiar a igualdade de direitos e deveres numa sociedade em que a forma como nos chega a informação permite “la transferencia de imágenes mentales, exponiéndolas en formas estandarizadas de pensar y de actuar. En otras palabras, tienen un efecto directo sobre nuestras culturas nacionales e identidades”. (Barber, 1995). A identidade não tem actualmente que associar-se a nação, apesar de um nacionalista a ver como “una especie de entidad metafísica, constituída por todos los individuos presentes, pero también pasados, ya muertos y también futuros, por nacer, que reúnen esas condiciones, con lo cual la nación se transforma en algo supraindividual, metafísico, intemporal” (Delgado, 2006: 57-58). De acordo com Barrero (2004: 27), “la nación es la entidad simbólica que conecta culturalmente el territorio estatal con la ciudadanía, creando la lealtad y cohesión necesarias para que el vínculo entre el Estado y la ciudadanía sea permanente y estable a través del tiempo. La ciudadanía juega en este marco un papel mediador: es el principal vehículo que tienen el Estado y la Nación para legitimarse.” Assim, advoga-se hoje uma grande importância à nacionalidade para que paralelamente se possa ser considerado cidadão. Contudo, não pode ou não deve ser vista como propriedade privada dos cidadãos de um determinado país, fechando-se a porta de acesso a direitos a quem chega, num mundo em que a lógica de mercado se reserva o direito de selecção de quem entra. Vivemos num contexto em que muitas vezes a cidadania tem que se traduzir em nacionalidade, conduzindo, de acordo com De Lucas (1994), “a la exclusión de los extranjeros y de aquéllos que no poseen la ciudadanía: estas fronteras externas devienen internas”. Para Walzer (1981: 1), “la ciudadanía es, de hecho, el primer bien dado por supuesto históricamente, hasta el punto en que la forma en que se distribuye la pertenencia en un Estado estructura todas las otras distribuciones de bienes”. Contudo, e curiosamente, muitas vezes é o próprio Estado que gera o reforçar da identidade das minorias ao rejeitá-las, criando-lhes um sentimento de pertença paralela à existência daquele. Além da função mediadora da cidadania, cabe-lhe também gerir e legitimar todas as actividades decorrentes na esfera pública, exigindo na maioria das situações um comportamento de acordo com os padrões instituídos socialmente em cada território. Isto leva a que muitas vezes a que quem já está dentro, sendo considerado cidadão, obrigue quem está de fora a seguir certas leis e regras de conduta para que o possam ser também, ou, pelo menos, vistos como tal, fazendo com que pensemos se a identidade deve vir antes dos direitos ou os direitos antes da identidade para que alguém possa ser considerado cidadão. Em termos políticos interpela-se directamente os

direitos dos indivíduos potencialmente integradores da nação, obrigando-os a posicionar-se irremediavelmente ante ela. No entanto, a pretensão da “homogeneidade cultural coexiste com a heterogeneidade social” (Silva, 2003: 364). A nação é vista até hoje, numa concepção essencialista, como associada a um conjunto de pessoas que partilham a mesma bagagem cultural, não sendo permitida a mestiçagem cultural como facto social histórico normal, a não ser que esta se fundamente numa lógica assimilacionista e imutável, “la teoría asimilacionista postula la existencia de un proceso en el que el grupo dominante acoge a los miembros de otras culturas y las incorpora en la suya” (Hepburn, 1992). A assimilação leva a uma crise identitária, uma vez que força uma das partes a abandonar quem é em função de algo que tem que passar a ser para que se sinta supostamente integrado. De acordo com Maalouf (2000: 72) “modernisation has constantly meant the abandoning of themselves”. O mesmo autor (2000: 93) assume que “never have men so many things in common – knowledge, points of reference, images, words, instruments and tools of all kinds. But this only increases their desire to assert their differences”.

A nova cidadania é um veículo desejado mas que ainda terá que contar com um longo caminho até que se torne real. Parte da negação da homogeneidade como consequência da nacionalidade num mundo em que “a ideia nacional deixa completamente de ser o lugar de debate entre a unidade e a pluralidade e pende, para o melhor e para o pior, para o lado da unificação” (Touraine, 1998: 280) É assim necessário um ponto de encontro entre aquela e os referentes culturais de nativos e imigrantes. Para Morderas (1999: 327), “entender la ciudadanía en un sentido más amplio permitiría que cada persona pudiera compartir una misma referencia de carácter cívico y, a la vez, desarrollar su identidad cultural con dignidad”. Uma cidadania plena, global, poderia ter o condão de unir emocionalmente as pessoas numa comunidade, gerando uma maior coesão a partir das diferenças entre elas, tendo em conta que a consciência de pertencer a uma sociedade “já não deve ser a de fazer parte de uma comunidade de destino cultural e histórico, mas de pertencer a uma sociedade política que respeita os princípios de liberdade, justiça e de tolerância, proclamados e organizados pela constituição democrática” (Touraine, 1998: 21). Esse será o caminho para uma cidadania multicultural, a partir de um sistema em que, mais do que permitir a coexistência de culturas num mesmo território avance para um modelo em que “... la relación entre todas las culturas existentes es de igualdad, y donde todas ellas tienen un mismo reconocimiento en la esfera pública (Barrero, 2004: 75). De acordo com o mesmo autor (2004: 77), “con la multiculturalidad es la propia noción de igualdad la que se torna más compleja. La cuestión es, pues, como reconocer la diversidad cultural y al mismo tiempo promover la igualdad entre culturas”. Será correto afirmar que uma cidadania plena, global, necessita cidadãos iguais em direitos, não havendo cidadania se não existir igualdade na diferença. Peres (2002: 4) assinala que “... a cidadania global não se constrói

discriminando os grupos sociais subalternizados, violando os direitos políticos e civis, económicos e sociais, ambientais, todos eles interdependentes e a necessitarem de políticas que os legitimem”. De identidades nacionais deve passar-se a identidades culturais, ou seja, culturas diferentes dentro de um mesmo território que pode ser um Estado – Nação.

A nacionalidade relaciona-se no século XXI igualmente com o fenómeno migratório, nomeadamente as migrações externas, que vieram baralhar as contas dos apologistas da homogeneidade e do orgulho nacional como bandeira para a conservação da estabilidade e segurança de cada país. Sobretudo nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI houve um aumento das migrações um pouco por todo o mundo, sendo que estas assumiram um carácter diversificado face às que se verificavam no passado, sendo que, por exemplo, Espanha era historicamente um país de emigrantes passando a assumir-se como igualmente recetor de imigrantes- sempre existiram migrações, mas o que vai variando são as causas que as provocam, podendo ser em maior ou menor escala de acordo com o período histórico e o contexto em que ocorrem. De acordo com Mas (2001: 12-13) as características destas novas migrações são o facto de serem “más accesibles a todos, de orígenes diversificados, plurales, criminalizadas por los gobiernos, feminizadas”. O aumento das migrações não coincidiu no entanto com a redução dos medos associados a elas, que, como referido antes, se relacionam com o receio da perda de estabilidade e identidade homogénea, derivada da possível imigração em massa como resultado da abertura excessiva das fronteiras, o que levaria a um maior racismo social a partir do momento em que se ultrapassasse os limites da tolerância. É a tolerância que permite o multiculturalismo mas não, como veremos mais adiante, a interculturalidade. Esta leva muitas vezes à construção de bairros designados como de imigrantes, “como si la presencia de personas extranjeras fuera exclusiva del barrio en cuestión” (Mas, 2001: 48). A construção de bairros de imigrantes é um primeiro passo para a criação de conflitos de natureza cultural, na medida em que levam a que quem habita neles sinta a cidade sem estar verdadeiramente nela, mas sim numa recriação da mesma a partir da construção de ilhas isoladas nas quais se baseia o sentimento de pertença ao território sem na verdade o frequentar, não lhes sendo permitido extravasar o muro construído face à realidade que lhe é externa. Para Mas (2001: 78) há duas opções, que passam por saber “... si queremos una sociedad excluyente con un modelo social y cultural cerrado o una sociedad donde los inmigrantes puedan participar en su definición y construcción. La segunda opción passa por encontrar los puntos de encuentro que nos puedan unir, que son muchos, y proyectarlos en un proceso de refundimiento”. Manzanos (2004: 15) defende que “una verdadera política social migratoria habria de sustentarse sobre tres ejes: la integración social en condiciones de igualdad de derechos mediante la extensión del derecho a la ciudadanía de todas las personas migrantes, en segundo lugar, la creación de condiciones de desarrollo económico sostenible y de políticas de solidaridad con el fin de pagar la infinita

deuda que los países enriquecidos tenemos contraída históricamente con los países empobrecidos de los cuales hemos obtenido nuestra riqueza y por último, la educación de la población asentada en nuestras sociedades en la convivencia multicultural sobre la base de que todos somos o hemos sido inmigrantes tenemos capacidad de enriquecer nuestra cultura con el conocimiento y el aprendizaje de las demás culturas presentes en nuestra sociedad”. A noção tradicional de cidadania é posta em causa, ou de acordo com Barrero (2004: 27) a “Santísima Trindade”, constituída por Estado, Nação e cidadania, habituados a andarem de mãos dadas e a interligar-se. Mezzadra (2005) critica o “...vínculo entre nacionalidad y ciudadanía para construir una política de la ciudadanía que venza el lastre de la naturalización como rito obligado, pero no advierte el riesgo de que así se propicie lo que califica como un proyecto de ciudadanía que no puede no ser alienante, una forma más de domesticación”. Deste modo a aquisição de cidadania associada à nacionalidade não é mais do que uma forma de manter a imigração sob controlo através de uma assimilação forçada. A tónica é colocada então na obtenção da cidadania como forma de integração social (nem todos os imigrantes têm acesso aos mesmos direitos que os cidadãos nados num determinado país), na aceitação cultural como forma de reposicionamento histórico face à dominação exercida pelo Ocidente face aos restantes países e na educação direccionada para a convivência intercultural, não negando os conflitos que a distância cultural gera mas antes aceitando-os como parte do caminho, usando a escola como veículo para a referida convivência, a partir do momento em que é um “microcosmos da sociedade” (Vieira, 2007b; Vieira, A. e Vieira, R., 2006 e 2007; Vieira, A., 2013; Vieira, A. e Vieira, R., 2017), sendo “um elemento relevante tanto para a prosperidade individual como para a colectiva” (Castro, 2016: 140). A escola é, além de um espaço educativo, um espaço social, que pode propiciar os mecanismos necessários para a referida convivência a partir da base, tratando de “ensinar a aprender a viver juntos” (Caride, 2009; Jares, 2007; Peres, 2010b; Touraine, 1998; Vieira & Vieira, 2017). Politicamente, a migração é um fenómeno pernicioso, uma vez que por um lado importa “salvaguardar los valores de la democracia, de la libertad y del respeto al pluralismo, y por otro, pretenden defender a sus ciudadanos de una invasión que supuestamente puede amenazar su seguridad ciudadana, su bienestar económico y sus modos de vida culturales occidentales” (Olabuenaga, 2004: 61). Contudo, uma pessoa vive numa democracia real apenas e só quando possui minimamente o controlo sobre o destino da sociedade onde reside. É necessário desconstruir a ideia de que “la marcha de trabajadores extranjeros, lejos de dejar disponibles puestos de trabajo para los nativos destruiría muchos puestos de trabajo” (Pajares, 1998: 200). Olabuenaga (2004: 59) traça os parâmetros gerais as dimensões da migração actual, relacionando-a com a globalização, assumindo que é um processo em crescendo, tem hoje um carácter de estância mais permanente que no passado, em que muitas vezes assumia um carácter temporal, envolve novos conjuntos sociais, sendo mais heterogénea e não necessariamente uma deslocação em massa de um determinado setor

profissional, por exemplo, tem mais visibilidade social, sendo uma das situações que gera mais impacto em período de crise nacional, assume um caráter mais dual, não sendo apenas por efeitos de trabalho, envolve novos métodos (tais como os complementos familiares, constituídos por filho, conjugue, entre outros) e é cada vez mais diversa. No entanto, há ainda na actualidade uma contradição entre a livre circulação de pessoas, que equivale a uma abertura de fronteiras, e a postulação de leis extremamente restritivas para o seu estabelecimento, havendo que gradualmente adoptar uma visão completa do fenómeno migratório, que implicaria analisar também as consequências positivas da imigração a nível económico (o que podem trazer ao mercado de trabalho), demográfico (mais nascimentos, revitalização das populações), cultural (criação de mecanismos de convivência que proporcionem o enriquecimento mútuo das culturas) e política (com o abandono gradual do conceito de nacionalidade para um outro mais heterogéneo e que defina uma coexistência pacífica de diferentes num mesmo território). Essa visão completa implicaria igualmente a abolição da selecção de pessoas em função da nacionalidade (muitos Estados admitem mais facilmente determinadas nacionalidades a partir da maior ou menor afinidade histórica e cultural com elas, tais como linguísticas, religiosas, entre outras) ou de qualquer critério que não dependa da vontade das mesmas e a inversão da lógica utilitarista da migração. Não existem culturas piores ou melhores em função de qualquer tipo de critério.

Vistas algumas das articulações entre as questões da identidade, fronteira e cidadania, debruço-me agora sobre a distinção e articulação entre a multiculturalidade, que pode não passar de coexistência cultural, e a interculturalidade que pressupõe a convivência e processo de mediação intercultural.

“El inmigrante recién llegado a nuestro país, a lo que para él es un ambiente desconocido y, a menudo, hostil, no suele encontrarse aislado, sino que entra inmediatamente a formar parte de un conjunto de comunidades: la familia, si la tiene, o el núcleo inmediato de convivencia, el barrio, pueblo o ciudad; la escuela, el centro de trabajo, la asociación cultural o política, etc. Esas comunidades constituyen los primeros protagonistas del proceso de integración y sobre ellas recae la primera responsabilidad, en nombre, de alguna manera, de toda la sociedad española” (Argandoña, 2007).

Os conceitos de multiculturalidade e interculturalidade estão cada vez mais presentes na vida quotidiana, resultado do pluralismo cultural que identifica as sociedades nos nossos dias. Carlos Giménez concebe estas duas designações como “dos modalidades dentro del pluralismo cultural” (2003). De acordo com o mesmo, “en el plan normativo, multiculturalismo (reconocimiento de la diferencia), interculturalidad (convivencia en la diversidad), ambas conducen a un pluralismo cultural”. Aqui encontramos também uma designação para ambos os

conceitos- assim, enquanto um assume o reconhecimento, o outro leva à convivência, não existe sem um contacto que leve a uma interrelação entre culturas. São dois conceitos opostos mas que se interrelacionam, porque um é o primeiro passo para o outro. Sempre houve sociedades multiculturais ao longo da história, sendo esse um primeiro passo para a construção de sociedades interculturais, em que o pluralismo se baseia numa sã convivência entre todas as partes, aceitando que quando há relações entre diferentes ambos mudam. Deste modo, o multiculturalismo não pode nem deve ser visto como o estado final de uma sociedade pluralista, sendo criticado por alguns autores, tais como Sartori (2001: 32), que sublinha que “... el pluralismo está obligado a respetar una multiplicidad cultural con la que se encuentra. Pero no está obligado a fabricarla y en la medida en que el multiculturalismo actual separa, es agresivo e intolerante, en esa misma medida el multiculturalismo en cuestión es la negación misma del pluralismo”. O pluralismo deve ter como missão assegurar a convivência pacífica entre culturas, não alimentar hostilidade entre elas. É inevitável que existam sociedades multiculturais num mundo cada vez mais global, “ir en contra de la multiculturalidad (el multiculturalismo entendido como proceso) es no sólo una irresponsabilidad histórica y política, sino plantearse el tema con una falsa premisa: la creencia en que el proceso puede detenerse” (Barrero 2004: 10). Além disso, “la multiculturalidad es el resultado de un proceso irreversible. Ir en contra de este proceso es similar a pronunciarse en contra de la globalización (idem, 2004: 74). Já De Lucas (1992) assinala o multiculturalismo não como “un modelo al que hay que llegar, sino un hecho social”. Nos últimos anos a crença nas sociedades multiculturais tem sido afetada por alguns fenómenos que provocam uma maior rigidez e apego às culturas, tais como o 11 de setembro de 2001 ou, mais recentemente, o nascimento do Estado Islâmico, que levam ao agudizar do denominado choque das civilizações (Huntington, 1997) e, por outro lado, a um maior fechamento a tudo o que vem de fora, tomando-se pequenas partes pelo todo. Assim, tal como referido anteriormente, mais do que sociedades multiculturais – “todos somos multiculturais” (Glazer, 1997) - são necessárias actualmente mentes multiculturais. Essas mentes deverão partir da desconstrução da antes referida Santíssima Trindade, constituída por Estado, Nação e cidadania, para, a partir do abandono da concepção tradicionalista das mesmas, caminhar para processos de multiculturalidade ao nível político, económico e social e para a construção conjunta de políticas que potenciem a acomodação dos imigrantes e a convivência entre estes e a população local. É de realçar que essa mesma acomodação, apesar de estar relacionada com quem chega, nomeadamente os imigrantes, diz respeito também a quem já está (a comunidade), uma vez que a acomodação de uma parte depende em muito das atitudes e comportamentos da outra, impedindo assim a criação de mundos paralelos dentro de um mesmo espaço. É de notar que “no son multiculturales tan sólo las sociedades, sino también las personas” (Wieviorka, 1997). Sem mentes multiculturais qualquer política que pretenda conduzir a uma aproximação entre culturas está condenada ao fracasso, Barrero (2004: 242) indica que a mente multicultural

“... implica la aceptación por parte de todos de que al entrar en el escenario de cambio todos deberán modificar sus situaciones iniciales. Sin esta predisposición, la acomodación es imposible”. O multiculturalismo (processo de construção de sociedades multiculturais) pode ou não levar à interculturalidade, sendo que, para o efeito, é essencial existir mediação, para que o processo possa ser gerido sem violar os valores considerados democráticos em cada sociedade. Para que haja mediação tem que haver comunicação.

É importante perceber que uma sociedade multicultural não nega os valores da democracia, contudo transforma-os, não devendo assim ser vista como um problema mas como o resultado de um processo histórico e gerido a partir daí. Barrero considera importante a existência de mediadores culturais, “los que actúan como intermediarios en las zonas de conflicto con el objetivo de resolver las tensiones ocasionadas en el proceso” (2004: 162), assumindo-se então como gestores do processo de forma directa. Como mediadores são também intérpretes culturais, estabelecendo “pontes e trânsitos entre pessoas, diferentes pontos de vista e fronteiras culturais” (Vieira & Vieira, 2016: 27) e não o fazendo de forma neutra, uma vez que, de acordo com Torremorell, “a única maneira de ser neutro é estar morto” (2008: 23-24). Existe então uma função intermediária entre a estrutura, o imigrante e o cidadão, assegurando que existam zonas de contacto e nelas se reduza o risco de que se torne zonas de conflito. Barrero (2004: 163) assinala que “teóricamente su función es proporcionar la información y los recursos necesarios para que las partes involucradas puedan llegar por ellas mismas a resolver el conflicto que las enfrenta”. O acesso a direitos básicos é uma parte do processo, mas não se esgota em si. Caride (2016: 13) reflecte que “...la dimensión más importante del proceso mediador reside en el potencial de cambio que tiene cada persona”, não podendo haver mediação sem transformação das partes mediadas. Contudo, o grande desafio está em “conciliar la autonomía y la libertad de cada persona en su derecho a elegir, con las interdependencias que teje la cotidianidad de la vida en común.” (Savater, 2003; Caride, 2016)

De acordo com Sartori, o multiculturalismo por si só é, “ni más ni menos, el opuesto a la sociedad pluralista” (2001). O multiculturalismo centra-se em cada cultura, enquanto a interculturalidade se baseia na relação entre ambas, a aprendizagem que se pode extrair dessa relação. Taylor (1993) coloca o reconhecimento do outro no centro dos valores e virtudes da sociedade democrática. Falamos então de coexistência quando nos referimos à multiculturalidade e de convivência quando abordamos a interculturalidade. Coexistência pode dizer respeito à tolerância, à capacidade de aceitação mas não de reconhecimento de diferentes no seio da mesma sociedade, sendo que “tolerar não basta” (Vieira, 2011; Vieira & Vieira, 2016). Frances Mas (2001: 73) refere-se a “base mínima de convivência”, que parte do princípio que todas as pessoas que formam parte de uma sociedade se reconheçam a elas mesmas e aos

outros como membros do coletivo que corresponde à comunidade. O ponto de partida é a comunicação entre pessoas de culturas diferentes como chave para o respeito mútuo, sabendo-se que o conflito sempre estará presente a partir do momento em que tanto os imigrantes como os nativos têm que renunciar a certos aspectos da sua bagagem cultural. Para isso, é necessária também uma adequada gestão da coexistência, que vincule o imigrante com os cidadãos e com as instituições públicas que gerem a sociedade em que se pretende integrar, sendo que, tal como veremos no próximo capítulo, cabe a estas assegurar a promoção da convivência entre todos como forma de evitar, por um lado, a fuga de uns e, por outro, que a concentração de ambos se converta numa zona de conflito, associando a divisão por nacionalidades à divisão cultural ou dividindo as cidades em bairros para imigrantes e bairros para cidadãos locais. Trata-se concretamente de um “... conjunto de políticas asistenciales y de servicios sociales destinadas principalmente a poner en contacto al inmigrante en el entramado de redes públicas y a la corriente principal de la sociedad para evitar su exclusión, segregación y marginalización.” (Barrero, 2004: 176). De acordo com Lucas e Bueso (2006: 16), o principal desafio que se nos depara nas sociedades atuais é “...cómo gestionar su transformación en realidades multiculturales, respetando las exigencias de la legitimidad democrática y del Estado de derecho, pero manteniendo los mínimos de cohesión y estabilidad sin los que corren el peligro de desaparecer”. Mas a mudança deve ter em conta a “transformación mutua desde el propio conflicto cultural”. (Celorio, 2004: 213). Tem assim que haver um compromisso coletivo para a inclusão, evitando associar a diferença a desigualdade e abandonando os conceitos estáticos referentes às diferenças culturais, que devem passar a ser vistas como processos em constante definição e evolução sem recorrer à facilidade da discriminação como postura face a tudo o que nos é desconhecido, sendo esta discriminação, de acordo com Barrero (2004: 131) “... resultado de un mal uso de la diferencia”. Wieviorka (2001) sublinha que “la diferencia en sí no es materia de preocupación, salvo cuando se utiliza cómo criterio para justificar desigualdad de tratamiento”. A discriminação é o reflexo de um processo de transformação inacabado, em que a multiculturalidade ainda não está devidamente implementada. De acordo com Lucas e Bueso (2006: 17), “... la igualdad es igualdad plena o no es igualdad”.

A multiculturalidade e a interculturalidade devem ser vistos como plurais, exigindo igualmente respostas plurais. A ausência de convivência pacífica converte o imigrante numa ameaça à ordem social, enfatizando a memória histórica que considera certos indivíduos ou grupos como suspeitos ou perigosos. De acordo com Manzanos (2004: 126) “la extrañeza puede ser comprensible siempre y cuando no suponga un proceso de reacciones de rechazo o de intento de neutralización del otro, por considerarlo una potencial o real amenaza”. O direito à diferença não pode corresponder a políticas de segregação baseadas na tentativa de homogeneização, dando antes lugar à negação de uma concepção essencialista e estática da cultura. De acordo

com Celorio (2004: 214), “la interculturalidad como política de gestión de las interacciones entre las culturas no expresa sólo una visión alternativa frente al monoculturalismo y al relativismo sino que sirve como horizonte interpretativo de la evolución cultural y de la construcción de las identidades colectivas y personales”. Só é possível uma mudança se a forma estrutural de pensar a sociedade muda também de forma gradual, sendo essa a base para a desconstrução dos preconceitos fruto do desconhecimento mútuo das culturas- de acordo com Gadamer (1992), trata-se de um “conjunto de creencias y de implícitos que acompaña a una concepción del mundo determinada y que tiene una función explicativa sobre las interpretaciones que damos a las cosas”, resultando do desejo de imobilismo e da recusa de tudo o que é novo numa sociedade. Porém, a existência de preconceitos e estereótipos pode igualmente ser vista como um indicador de que estamos num processo global de transformação, sendo que, ao recusar o que é novo estamos em simultâneo a reconhecer que o novo existe no seio de cada local.

Para Barrero (2004: 13) há “tres tipos de sujetos que normalmente no se vinculan entre si: los portadores de la multiculturalidad (inmigrantes y ciudadanos), los gestores de la multiculturalidad (el conjunto de redes de actores políticos, sociales, económicos y culturales) y los investigadores de la multiculturalidad (poliotólogos, sociólogos, antropólogos, demógrafos, juristas, filósofos, economistas, etc.)”. Estes três tipos dividem-se então na dimensão pessoal, na dimensão social (a quem cabe gerir e em certos casos mediar o processo) e na dimensão da investigação, que vai acompanhando a evolução do processo.

## **Capítulo 3- Metodologia**

### **3.1- Epistemologia e opções metodológicas**

“Etnografía significa literalmente descripción de un pueblo” (Angrosino, 2012: 19).

Neste capítulo abordo as opções metodológicas seguidas ao longo deste trabalho.

O projecto apresentado baseia-se no conjunto de reflexões que obtive a partir da observação das práticas de intervenção social das instituições La Rueca, no Distrito de Tetuán, e Culturas Unidas no bairro de Lavapiés, junto da população imigrante, ali residente ou não. O processo em si envolveu durante todas as suas fases a procura da conquista de uma relação de confiança com os vários intervenientes na organização, sendo que a minha posição de voluntário ajudou a que fosse conhecendo melhor os técnicos e algumas das pessoas imigrantes que fizeram/ fazem parte do público habitual das referidas instituições. De acordo com Angrosino (2012: 35), “la etnografía es el arte y la ciencia de describir a un grupo humano: sus instituciones, comportamientos interpersonales, producciones materiales y creencias”. Marques, Faria, Silva, Vieira e Lopes (2016: 130) sustentam que “este método implica aquilo que se poderia designar por um convívio da pessoa do investigador com os sujeitos com quem interage no processo de investigação durante um período de tempo prolongado.” Quer isto dizer que a minha principal preocupação foi acompanhar as rotinas das organizações e dos principais intervenientes nela, interagindo com estes e observando-os sem que sentissem forçados a alterar os seus comportamentos diários, atuando e observando de forma não intrusiva. Esta foi um dos principais desafios encontrados (em qualquer estudo etnográfico é normal que assim seja, uma vez que a presença de um novo elemento leva necessariamente a ajustes na forma de estar e actuar), além da definição clara do objeto de estudo, havendo aqui que compatibilizar as minhas ideias base, com o trabalho das instituições em análise.

### **3.2- Intervenção em La Rueca e Culturas Unidas**

#### **3.2.1- La Rueca**

No que diz respeito a La Rueca, o acompanhamento do trabalho da organização levou-me a, paulatinamente, ir especificando o que queria estudar, uma vez que o Distrito em si tem mais de 150 mil pessoas, incomportável para qualquer estudo de natureza qualitativa, adequando essa especificidade às actividades de La Rueca, formando assim a base de que decidi estudar a atuação de La Rueca junto do seu público. É importante assinalar que todo este projeto envolveu uma fuga à zona de conforto e a entrada num terreno até então praticamente desconhecido, o que constituiu um desafio adicional, que acabou também por ser aliciante, uma vez que nem

sempre escrever sobre aquilo que estamos habituados nas nossas vidas quotidianas corresponde a que saibamos tudo sobre o nosso objeto de estudo, sendo esse um erro comum.

É de assinalar que em La Rueca sempre me senti bem acolhido, encontrando a minha principal dificuldade na capacidade de explicar corretamente os meus propósitos, até porque no início da investigação trazia a mente aberta para que me entregasse ao que me fosse mostrado sem fugir do tema base que é a mediação intercultural. A essência era o estudo do meio através da actuação de uma organização, mas faltava saber como fazê-lo. Sublinho também a natureza subjectiva deste estudo, destacando que, se, por um lado, há dados bem objectivos, nomeadamente as esferas de atuação de La Rueca; por outro existe muita subjectividade, uma vez que muito do que é escrito se baseia na opinião das pessoas com quem me relacionei e nas conclusões que extraí a partir daí. Quer isto dizer que outro etnógrafo poderia, eventualmente, chegar a outro tipo de conclusões a partir dos relatos que obtivesse e da sua própria percepção. A realidade é sempre condicional, mas “un buen etnógrafo debe estar al tanto de la información que llega de todas las fuentes” (Angrosino, 2012: 80). Além da recolha de dados fruto da minha observação, tive a oportunidade de igualmente ir entrando em contacto com indivíduos com quem partilhei alguns dos meus dias da minha estadia em Madrid. Para Scrinshaw e Gleason (1992), “la buena etnografía suele ser el resultado de la triangulación: el uso de múltiples técnicas de recogida de datos para reforzar las conclusiones”. Alguns indicadores práticos para ajudar a perceber a qualidade das conclusões são, de acordo com Miles e Huberman (1994: 278), “la objectividad/ posibilidad de confirmación (fiabilidad externa); fiabilidad/ confiabilidad/ verificabilidad; validez interna/ credibilidad/ autenticidad; validez externa/ transferibilidad/ idoneidad; utilización/ aplicabilidad/ orientación a la acción”. No entanto, a etnografia contraria algumas destas tendências, uma vez que “a los investigadores en etnografía cualitativa no les suele preocupar la fiabilidad, ya que reconocen el hecho de que gran parte de lo que hacen no es, en último análisis, verdaderamente replicable. En otras palabras, no se espera que un investigador que observa a una comunidad en un momento dado duplique exactamente los hallazgos de un investigador diferente que observe a la misma comunidad en un momento diferente” (Angrosino, 2012: 85-86).

Tendo presente que pretendia que o meu objeto de investigação fosse a a gestão da forte multiculturalidade na cidade de Madrid e, mais concretamente, dentro dela, o Distrito de Tetuán, foi necessário chegar ao terreno para determinar com mais exactidão o que pretendia analisar tendo em conta que num estudo de natureza compreensiva e interpretativa não poderia analisar toda a população que ali residia ou frequentava o bairro com alguma missão. Deste modo, antes da chegada a Madrid, em janeiro de 2018, foi realizada uma reunião prévia com a instituição La Rueca para que fossem determinados os principais termos da colaboração

conjunta que iríamos desenvolver a partir daí, sendo determinado que entre janeiro e junho de 2018 me seria feito um contrato como voluntário. Contudo, a especificação dos mesmos só surgiu ao longo da participação em diversas actividades realizadas em conjunto entre mim e a organização. Esse processo permitiu-me conhecer as esferas de actuação de La Rueca ao nível da mediação intercultural, surgindo como entidade interventora em áreas como a atenção ao público imigrante (especialmente jurídica, no que diz respeito à aquisição de direitos dentro do Estado espanhol para imigrantes, do apoio na organização burocrática das múltiplas formas de acesso aos direitos por parte desta população, nomeadamente ao nível do emprego, acesso à saúde e nacionalidade), o ministrar de workshops colectivos, o ensino do idioma espanhol, além de funcionar como membro de uma rede de instituições que operam ao nível do emprego, da dinamização cultural do Distrito e do apelo à participação e sentido de pertença dos cidadãos do Distrito em relação ao local onde habitam, ajudando a que se sintam parte do mesmo. Destaco as seguintes ações participadas, nas quais La Rueca teve um papel organizador ou parceiro:

### **Fóruns locais**

Constituem ferramentas para que os cidadãos residentes no Distrito se conheçam, dêem ideias e as materializem, criando-se, a partir destes, comissões de desenvolvimento comunitário. São de acesso livre a todos os cidadãos, estando presentes igualmente técnicos de instituições locais.

### **Ações de formação**

São sobretudo dirigidas a técnicos, visam a sua preparação para posterior intervenção no terreno, dentro das quais destaco a formação “Agente Anti- Rumores”, ministrada pela SOS Racismo, que visava a desconstrução de estereótipos existentes, tais como o facto de todos os imigrantes serem ruidosos e roubarem o trabalho aos nativos, além da luta contra possíveis efeitos nefastos da convivência sem mediação, que poderão passar pela excessiva folclorização das relações sociais, em que nativos passam a ver quem chega como diferentes devido às roupas que usam, aos estilos musicais que ouvem ou à forma como vivem, tomando a parte pelo todo. Enfatiza-se que as relações têm que estar baseadas na igualdade e não no realçar da diferença.

### **Reuniões com as *Asociaciones Vecinales* (Associações de Vizinhos)**

Constituem-se como estruturas frequentadas por cidadãos e instituições que visam o impulsionar de cada bairro através do aproveitamento das mais valias que podem ser aportadas por cada cidadão, tais como o facto de um indivíduo ser, por exemplo, perito em fotografia, utilizando esse conhecimento para melhorar o bairro através da organização de exposições fotográficas de alguns momentos ocorridos em ruas locais. A principal abordagem no período

em que desenvolvi a minha investigação foi relativa à dinamização de uma horta comunitária impulsionada pela *Asociación Vecinal Cuatro Caminos- Tetuán*.

### **Realização de Mesas de Emprego**

Visam a reunião no mesmo espaço de todas as organizações que trabalham a temática do emprego no Distrito para estruturar formas de actuação conjunta, das quais se destacam cursos de formação com vista à integração do mercado de trabalho dos cidadãos residentes e o detectar das principais necessidades existentes ao nível do mercado de trabalho no local.

### **Aulas de espanhol**

São de acesso livre a todos os cidadãos residentes ou não no bairro e que queiram dominar o idioma.

### **Contacto com imigrantes**

Através da comparência nos locais frequentados pela generalidade dos cidadãos e em outros com presença mais assídua dos mesmos, tais como restaurantes sul americanos (dominicanos e equatorianos) e filipinos.

Aproveitei a minha presença nestas actividades para (re) organizar gradualmente os objectivos do meu estudo, fixando-me em determinados momentos e frases referidas pelos seus intervenientes, que me davam pistas sobre os caminhos a seguir. Para tal, recorri a pessoas com conhecimento do terreno, tanto técnicos como cidadãos, com o intuito de ir recolhendo informações no terreno sobre as características do objeto de estudo. Deste modo, fixei-me sobretudo sobre os estereótipos existentes em relação à comunidade dominicana, no sentimento de pertença ao bairro e na convivência entre espanhóis e imigrantes, registando algumas frases referidas por habitantes locais, que fui ouvindo ao longo das actividades que mencionei anteriormente:

*“Vivo neste Distrito há mais de uma década, conheço muita gente e dou-me muito bem aqui, mas não gosto que os meus filhos vão brincar às praças onde mais estão os dominicanos, fazem muito barulho e são perigosos”* (Olga, imigrante colombiana nacionalizada espanhola, residente no bairro de Berruguete)

*“Dentro dos sul americanos são uma ilha, têm características próprias que se destacam de todo o continente e criam uma ilha também aqui no Distrito de Tetuán”* (Regina, imigrante peruana residente no Distrito).

*“A urbanização actual influi na convivência”* (Carlos, nativo do Distrito, frequentador da Asociación Vecinal Cuatro Caminos- Tetuán).

*“Quando estamos casados com espanhóis é mais fácil a convivência com eles e a formação de grupos em que estamos todos”* (Maria, imigrante colombiana)

*“A comunidade dominicana, sendo distinta dos demais, sente-se muito identificada com o bairro, sentem-se de Tetuán, muitos deles já são espanhóis por naturalização”* (César Rodríguez, mediador intercultural de La Rueca)

Retive da minha participação nas áreas antes referidas e dos relatos apontados algumas conclusões, das quais destaco a existência de várias instituições que trabalham directa ou indirectamente a área da população imigrante residente no Distrito, a preocupação pela participação dos cidadãos na tomada de decisões, a presença de vários cidadãos fora da esfera técnica com a intenção de contribuir para a melhoria e desenvolvimento local, o papel relevante das *Asociaciones Vecinales* na estruturação, organização e mobilização das pessoas, a ausência relativa da população imigrante nas ações, mas, dentro dela, maior frequência dos que já vivem há algum tempo no Distrito, alguns deles trabalhadores ou voluntários em associações locais de apoio aos imigrantes, sendo a presença dos chegados há pouco tempo quase inexistente, a visão negativa da população imigrante relativa à comunidade dominicana residente no Distrito, sobretudo no bairro de Bellas Vistas.

As vozes escutadas e aqui transcritas dos imigrantes que habitam em Tetuán denotam que no geral as pessoas se sentem bem no Distrito, havendo, de acordo com os relatos, uma aparente convivência sã sempre que há, por exemplo, uma relação familiar entre os indivíduos. Maria, por exemplo, citada anteriormente, é casada com um espanhol e, por isso, considera-se mais integrada a partir do momento em que constrói com mais facilidade relações sociais com a população nativa. Há, contudo, determinados indivíduos que são aparentemente excluídos por todos em função da sua nacionalidade, destacando-se aqui a comunidade dominicana, que não obstante, se sente identificada com o Distrito de Tetuán. As crianças dominicanas brincam em praças específicas e frequentam ruas concretas que são evitadas pelos restantes habitantes, que as consideram perigosas, tal como refere Olga, a imigrante colombiana citada anteriormente. Não há aqui integração nem adaptação em relação aos nativos nem a cidadãos de outras nacionalidades, sendo que a população dominicana cria uma ilha dentro do próprio Distrito, havendo ruas, de acordo com César Rodríguez, habitadas quase exclusivamente por estes. Muitos já são espanhóis, filhos de imigrantes, influenciando este factor nas estatísticas referidas ao longo deste trabalho, que apontam os filipinos como a população estrangeira mais predominante no Distrito. Como foi referido anteriormente, “tolerar não basta” (Vieira, 2011; Vieira & Vieira,

2016), faltando, de acordo com as vozes citadas, o reconhecimento da diferença para que se crie uma “base mínima de convivência” (Mas, 2001: 73). Verifica-se que há um sentimento de bem estar no Distrito mas a partir de pressupostos diferentes, uma vez que uns convivem entre si em actividades concretas e outros (os dominicanos) têm um sentimento de pertença ao local a partir do seu isolamento em relação às restantes comunidades. O movimento associativo forte existente não se reflecte no interesse dos imigrantes pelo mesmo que, no tomar de decisões, nomeadamente nas referidas *Asociaciones Vecinales*, participam pouco.

### **3.2.2- Culturas Unidas**

Entrei no bairro de Lavapiés com a sensação de que seria fácil entrar ali, uma vez que é um local que tradicionalmente, nas últimas décadas, está ligado a movimentos migratórios e a colectivos que se vão mobilizando em torno das questões relacionadas com as migrações. É, à semelhança do Distrito de Tetuán, um bairro superpovoado mas em que, na verdade, apesar de vermos uma grande concentração de pessoas, desperta a sensação de que muitos dos que por ali passam não residem realmente no local, apesar de passarem aí uma grande parte do dia.

Havendo, como antes referi, uma grande quantidade de associações em torno das questões imigrantes, resolvi centrar-me essencialmente na Associação Culturas Unidas, centrada na Calle Doctor Piga, praticamente no centro do bairro. Numa primeira instância, ainda em 2017, tinha como ideia desenvolver a minha investigação ainda no bairro de Lavapiés e tive uma reunião com a associação em causa, em que um dos seus membros me confirmou que seria bem recebido ali e destacou o facto de grande parte dos membros de Culturas Unidas serem imigrantes voluntários, organizando actividades também para imigrantes. Mais tarde decidi fazer um estudo também no Distrito de Tetuán, como referido anteriormente, mas nunca abandonei a ideia de o desenvolver em Lavapiés, uma vez que é por excelência o bairro de imigração em Madrid, que aparenta estar no entanto em mudança, nomeadamente na tipologia de imigrantes existentes- neste momento é comum encontrarmos essencialmente asiáticos, africanos, entre outros, nas ruas, mas a tendência é que, ao converter-se numa zona cara, passe a existir outro tipo de imigração.

A impressão inicial que tive de Culturas Unidas é de que era uma associação pequena, sendo que rapidamente mudei a minha opinião, passando a vê-la como um caldeirão de culturas em potência.

Destaco como actividades em que presenciei e/ou participei as seguintes:

### **Feiras de artesanato**

Aos domingos reúnem-se num espaço próximo de Culturas Unidas, na Calle Embajadores, um conjunto de mulheres imigrantes. São essencialmente pessoas que há pouco tempo estavam no desemprego, grande parte do tempo em casa e pouco convictas que poderiam inverter a sua situação, até pela sua situação de imigrantes e em alguns casos pela idade, muitas vezes acima dos 45 anos. Houve com elas um trabalho importante de potenciação das suas capacidades, que culminou no desenvolvimento de trabalhos de artesanato mostrados ao público. Mais do que a potenciação e motivação acrescida, destaco também a sua capacidade de se organizarem num coletivo de maneira praticamente seminal, que tem tendência a crescer porque vai havendo cada vez mais pessoas interessadas em pertencer ao grupo.

### **Bancos de Alimentos**

É uma actividade quinzenal que decorre na sede de Culturas Unidas. Tem financiamento público, dirige-se à população carenciada da zona e conta com a participação de voluntários ligados à associação, que vão recolhendo e organizando os alimentos e mais tarde distribuindo a algumas dezenas de pessoas.

### **Aulas de espanhol**

São semanais e dirigem-se a todos os tipos de públicos. Nas aulas em que participei, estiveram presentes essencialmente mulheres do Bangladesh, com períodos distintos de residência em Espanha. Contam com a participação de pessoas voluntárias que sabem espanhol e revelou-se para mim uma experiência interessante a partir do momento em que, para além da aprendizagem de um idioma, se geram interações entre culturas. Além disso, é passada informação sobre a cultura espanhola em si.

### **Workshops e aulas para crianças e jovens**

Há um repertório grande de actividades lúdicas dirigidas a crianças e jovens imigrantes, praticamente diárias no espaço da associação, organizando-se durante os fins de semana visitas culturais a vários espaços da cidade.

Realço na minha participação na associação a confiança que me foi dada, além do acolhimento desde o primeiro momento. Numa primeira fase a minha presença gerou alguma desconfiança, principalmente nas aulas de espanhol, uma vez que me foi solicitado que não fosse simplesmente um observador não participante mas sim que integrasse e participasse activamente

nas sessões. Sublinho ainda que apesar de haver uma diversidade cultural grande, onde as pessoas têm formas de pensar notoriamente distintas, isso não se reflecte na hora de desenvolver actividades conjuntas, havendo a capacidade de organização face a um objectivo comum, determinado entre todos, normalmente a concretização das actividades propostas. Culturas Unidas tem apenas 3 técnicos remunerados, mas paralelamente uma grande capacidade de angariar voluntários.

Faço ênfase a algumas frases referidas pelos diversos agentes sociais, os ditos “portadores da multiculturalidade” (Barrero, 2004: 13) ao longo do meu percurso no bairro:

*“Isto daqui a 10 anos vão ser só alemães e ingleses a viver aqui”* (Pablo, espanhol membro de Culturas Unidas)

*“Nós aqui somos todos imigrantes, tu agora és mais um connosco”* (Paola, argentina membra de Culturas Unidas)

*“Estávamos em casa desmotivadas e Culturas Unidas fez-nos ver que temos valor. Agora organizamo-nos para vender os nossos produtos, que somos nós próprias que fazemos”* (Rosa, artesã argentina)

*“Vemos aqui todo o tipo de gente, às vezes vejo aqui gente a passar com roupa esquisita, respeito mas não me aproximo.”* (Imigrante do Bangladesh residente no bairro)

Os diferentes relatos apresentados apontam para a valorização por parte de Culturas Unidas de cada cultura e do que cada uma delas nos pode aportar a partir do momento em que a aceitamos como igual em direitos mas diferente nas ideias. A frase de Paola reflecte isso mesmo, que independentemente da nacionalidade, quem chegue e queira colaborar na instituição é mais um, remetendo-nos isto para a noção de mente multicultural, reproduzida por Barrero (2004). Wieviorka (1997) refere que “para que as sociedades possam ser multiculturais têm que existir pessoas multiculturais para que as culturas se possam aproximar”. Verifico nestes extractos uma ideia mais positiva sobre a relação entre culturas e a possibilidade de aproximação, não deixando de referir que as vozes indicadas são de pessoas que, de uma forma ou de outra, estão ligadas a Culturas Unidas e baseiam-se nas suas actividades. Grande parte deste pensamento provém da ideia de que se a educação for intercultural e se as actividades postas em marcha geram a participação de diferentes culturas, será mais fácil que, ao proporcionar o interconhecimento entre elas, se leve a um convívio entre todos. De acordo com Américo Peres (2016: 57), “ao trabalhar com a diversidade étnica e cultural, os mediadores sociopedagógicos, sejam eles professores, educadores sociais, psicólogos ou animadores socioculturais, não podem esquecer que os processos de encontro, acolhimento, relação, comunicação, interação e

aprendizagem exigem descentração e abertura ao outro como condição de afirmação do eu, contribuindo para a construção de uma sociedade educativa aberta à interculturalidade com igualdade de oportunidades e oportunidades para a igualdade para todos e todas”. É este o papel que tenta desempenhar a associação Culturas Unidas, partir da educação e do potencial que cada um tem para oferecer para criar actividades destinadas a todos, sendo como uma escola além da escola. Há igualmente algum receio, expressado por Pablo, da perda da essência actual do bairro, em que predomina essa proximidade, alertando para as mudanças que se vão começar a fazer sentir, assinaladas no capítulo seguinte na entrevista realizada a Paola. A imigrante do Bangladesh reflecte, ao enfatizar o respeito que tem por todos mas a pouca vontade de os conhecer melhor, que existe aceitação de todas as culturas, ao contrário do que acontece com a comunidade dominicana em Tetuán.



de 28243 pessoas, sendo nesta altura o terceiro Distrito, a par com Villaverde, com maior percentagem de cidadãos estrangeiros, com 18,05%.

**Tabela 3: Número de habitantes no Distrito de Tetuán por bairro**

Distrito / Bairro	1 de janeiro de 2018			
	Nacionalidade			% de estrangeiros
	Total	Espanha	Outro país	
<b>TETUÁN</b>	<b>156 470</b>	<b>128 223</b>	<b>28 243</b>	<b>18,05</b>
Bellas Vistas	28 862	22 529	6 333	21,94
C.Caminos	34 348	29 499	4 849	14,12
Castillejos	20 440	17 437	3 003	14,69
Almenara	22 501	19 500	2 997	13,32
Valdeacederas	25 634	20 202	5 432	21,19
Berruguete	24 685	19 056	5 629	22,80

Fonte: Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid en [www.madrid.es](http://www.madrid.es)

Na tabela abaixo podemos verificar que são os filipinos (4316), os paraguaios (3253) e os dominicanos (2327) que mais marcam presença no Distrito de Tetuán no início de 2018, sendo que os filipinos assumem um maior número nos bairros de Bellas Vistas (1321), Cuatro Caminos (750), Castillejos (438) e Berruguete (881), ao passo que existem mais paraguaios nos bairros de Almenara (400) e Valdeacederas (940). Há aqui a destacar a maior presença de pessoas que partilham o idioma espanhol, o que se traduz na existência de maiores possibilidades de comunicação e conseqüente adaptação ao meio, sendo que, no caso das Filipinas, se trata de uma ex colónia espanhola. Além disso, os filipinos tomam a dianteira pelo facto, de acordo com relatos de profissionais de La Rueca, muita população sul americana, nomeadamente os dominicanos, que sempre estiveram em maior número, terem já adquirido a nacionalidade espanhola, pelo que deixam de como estrangeiros nos dados apresentados abaixo.

**Tabela 4: Habitantes nos bairros do Distrito de Tetuán por nacionalidade (janeiro 2018)**

País de nacionalidade	TETUÁN	Bellas Vistas	Cuatro Caminos	Castillejos	Almenara	Valdeacederas	Berruguete
<b>TOTAL</b>	<b>156 470</b>	<b>28 862</b>	<b>34 348</b>	<b>20 440</b>	<b>22 501</b>	<b>25 634</b>	<b>24 685</b>
<b>ESPAÑA</b>	128 223	22 529	29 499	17 437	19 500	20 202	19 056
<b>OUTRO PAÍS</b>	28 243	6 333	4 849	3 003	2 997	5 432	5 629
<b>% ESTRANGEIROS</b>	<b>18,05</b>	<b>21,94</b>	14,12	14,69	13,32	21,19	<b>22,8</b>
ROMÉNIA	1 548	302	210	143	163	410	320
CHINA	1 979	531	352	180	214	294	408
EQUADOR	1 481	368	221	95	148	291	358
MARROCOS	1 381	210	148	114	258	300	351
COLÓMBIA	785	143	149	104	116	152	121
VENEZUELA	1 184	223	226	162	152	247	174
ITÁLIA	1 099	173	260	168	123	202	173
<b>PARAGUAI</b>	<b>3 253</b>	501	393	258	<b>400</b>	<b>940</b>	761
<b>REP.DOMINICANA</b>	<b>2 327</b>	781	345	123	139	365	574
PERÚ	871	210	157	98	101	143	162
BOLÍVIA	566	170	112	44	58	87	95
HONDURAS	742	185	141	48	73	149	146
<b>FILIPINAS</b>	<b>4 316</b>	<b>1 321</b>	<b>750</b>	<b>438</b>	213	713	<b>881</b>
UCRÂNIA	222	29	40	39	34	58	22
FRANÇA	355	59	98	57	34	54	53
BRASIL	528	67	90	77	49	138	107
PORTUGAL	524	103	124	78	48	82	89
BULGÁRIA	253	36	29	43	57	43	45
E. U. A.	306	50	90	77	30	33	26
REINO UNIDO	344	56	90	52	27	58	61
BANGLADESH	202	60	24	15	16	20	67
POLONIA	217	57	36	27	19	44	34
CUBA	258	40	52	38	44	34	50
ARGENTINA	276	56	57	37	24	54	48
ALEMANHA	237	46	59	27	28	42	35
MÉXICO	260	58	68	57	26	20	31
NICARÁGUA	246	68	31	27	46	31	43
EL SALVADOR	130	23	19	24	15	28	21
CHILE	132	31	30	13	16	19	23
RÚSSIA	130	20	27	24	21	24	14
SENEGAL	64	16	6	5	13	12	12
INDIA	126	11	26	39	18	20	12
HOLANDA	81	21	13	6	8	13	20
RESTO DE PAÍSES	1 820	308	376	266	266	312	292

Fonte: Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid en [www.madrid.es](http://www.madrid.es)

Instituições como La Rueca acabam por, através da sua intervenção, evitar a criação de zonas de conflito entre imigrantes e cidadãos originariamente concentrados em determinados bairros. De acordo com Barrero (2004: 178-179) “estas zonas de conflicto sin una red de asociaciones que trabajen diariamente con los vecinos y los inmigrantes pueden llegar a ser simplemente una olla a presión que por cualquier motivo aparentemente inocente puede desencadenar disturbios urbanos incontrolables. En este caso se producen unos efectos de huida evidentes por parte de los ciudadanos que ocupaban la zona”. O mesmo autor (2004: 179) defende que “la lógica del proceso es clara: de un barrio originariamente ocupado por ciudadanos pertenecientes a los niveles socioeconómicos más bajos, se pasa a un barrio que tiene iguales problemas de marginación y de exclusión, pero que ha cambiado de origen nacional”. Teríamos assim, por exemplo no caso de Tetuán, uma sobrerepresentação de uma única nacionalidade no mesmo bairro, sendo que sem uma gestão eficaz da coexistência entre todos no local se geraria provavelmente a criação de bairros de imigrantes associados à deslocação da população local para outros pólos. Cabe assim às ONG e às instituições públicas gerir os processos de acomodação de ambas as partes, dotando os cidadãos e os imigrantes de ferramentas que lhes atribuam autonomia para actuar na esfera pública- é esse o papel básico do gestor multicultural.

#### **4.2- Lavapiés**

Lavapiés situa-se no bairro de Embajadores, no Distrito Centro, estando situado entre algumas das principais atrações da cidade de Madrid, tais como Tirso de Molina, Rastro (Feira Semanal, que acontece aos domingos), o Museu Reina Sofia ou a Estação de Atocha. Há relatos que referem que situava ali a antiga Judiaria de Madrid até à época de expulsão dos judeus em 1492, embora sem certezas. Neste caso defende-se que a origem do nome deriva do facto de haver no passado ali uma fonte em que se lavava os pés antes de entrar na sinagoga. Muitos consideram que o seu nome advém das palavras Lava com Pés, devido ao facto de o Rastro, muito perto dali, ser o palco em que o sangue dos animais abatidos pela caça escorria até às margens do Rio Manzanares, que atravessa a cidade.

Manteve-se como um bairro tradicional de Madrid até meados da década de 1970, época em que houve um fluxo de gente jovem que chegou ao bairro devido aos preços baratos dos apartamentos e casas ali existentes, além da localização central dentro de Madrid. Houve uma reconfiguração identitária de idosos que ali estiveram toda a vida, que se foi fazendo notar à medida que estrangeiros de diferentes nacionalidades chegavam a Madrid, afetando as relações sociais no bairro (Osorio, 2016).

Paralelamente a isto, na década de 1990, muitas das casas que progressivamente iam ficando vazias levou a que se gerasse um grande movimento de okupas (colectivos de pessoas que se

alojam em determinados locais que se encontram vazios, tendo este movimento grande expressão em Espanha) no local. Foi-se construindo ao longo do tempo uma consciência social muito forte no bairro de Lavapiés, criando-se um conjunto de associações interventivas e formando uma forte consciência social e bairrista que acabou por gerar vários projetos sociais e comunitários. Nos inícios do século XXI o bairro sofreu ainda mais mudanças na sua estrutura com a chegada massiva de imigrantes, que hoje partilham as ruas com os nativos espanhóis. A diversidade cultural surgiu num fenómeno sem precedentes na cidade. O ano novo chinês e o Ramadão são celebrados sem que, por exemplo, as festas de San Lorenzo (celebram-se no dia 10 de agosto em torno da praça central e das ruas circundantes de Lavapiés, com um desfile de trajes castiços, tradicionais de Madrid) tenham perdido a sua importância, continuando aliás a ser as mais celebradas em todo o bairro.

A fusão de culturas existente torna Lavapiés por excelência o bairro mais multicultural da cidade, criando-se dentro dele uma atmosfera muito própria em que, quem por ali passa, tem a oportunidade de cruzar-se com culturas completamente distintas e geograficamente distantes, mas que confluem no mesmo território e nele coexistem.

Se Tetuán é um Distrito com características claramente multiculturais, o Distrito Centro é já há algum tempo aquele que alberga uma maior quantidade de habitantes não espanhóis, com destaque para o bairro de Embajadores, onde está Lavapiés. Sendo este local um verdadeiro caldeirão de culturas, considereei oportuno e essencial basear igualmente a minha investigação no bairro.

**Tabela 5: Número de habitantes no Distrito Centro por bairro**

Distrito / Bairro	1 de janeiro de 2018			
	Nacionalidade			% de estrangeiros
	Total	Espanha	Outro país	
<b>CIDADE DE MADRID</b>	<b>3 231 062</b>	<b>2 807 104</b>	<b>423 875</b>	<b>13,12</b>
<b>CENTRO</b>	<b>132 781</b>	<b>103 591</b>	<b>29 182</b>	<b>21,98</b>
Palacio	22 581	18 720	3 860	17,09
Embajadores (onde está Lavapiés)	44 796	33 486	11 307	25,24
Cortes	10 555	8 250	2 305	21,84
Justicia	16 625	13 211	3 413	20,53
Universidad	30 991	24 506	6 482	20,92
Sol	7 233	5 418	1 815	25,09

Fonte: Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid em [www.madrid.es](http://www.madrid.es)

No que diz respeito à população, o Distrito Centro é, em toda a cidade de Madrid, o que comporta uma maior percentagem de população estrangeira, destacando-se o bairro de

Embajadores, com um total de 25,24%, sobressaindo a comunidade do Bangladesh, com 2640 residentes.

**Tabela 6: Habitantes nos bairros do Distrito Centro por nacionalidade (janeiro 2018)**

PAÍS DE NACIONALIDADE	CIDADE DE MADRID	CENTRO	Palacio	Embajadores	Cortes	Justicia	Universidad	Sol
<b>TOTAL</b>	<b>3 231 062</b>	<b>132 781</b>	22 581	44 796	10 555	16 625	30 991	7 233
<b>ESPAÑA</b>	<b>2 807 104</b>	<b>103 591</b>	18 720	33 486	8 250	13 211	24 506	5 418
<b>OUTRO PAÍS</b>	<b>423 875</b>	<b>29 182</b>	3 860	11 307	2 305	3 413	6 482	1 815
<b>% DE ESTRANGEIROS</b>	<b>13,12</b>	<b>21,98</b>	17,09	25,24	21,84	20,53	20,92	25,09
ROMÉNIA	45 718	851	192	238	77	90	175	79
CHINA	37 031	1 554	271	389	93	183	534	84
EQUADOR	24 477	698	83	288	51	80	159	37
MARROCOS	21 781	1 143	140	645	91	65	136	66
COLOMBIA	20 852	953	143	295	96	117	236	66
VENEZUELA	19 502	1 455	204	426	112	220	367	126
ITALIA	18 840	2 916	449	974	256	338	697	202
PARAGUAI	18 309	379	61	126	36	45	88	23
REP. DOMINICANA	17 713	364	35	165	32	44	73	15
PERÚ	17 276	550	81	195	30	63	147	34
BOLÍVIA	15 254	295	24	135	26	19	66	25
HONDURAS	13 738	132	28	46	10	20	26	2
FILIPINAS	12 398	1 386	66	241	27	265	695	92
UCRÂNIA	9 429	171	41	49	15	16	39	11
FRANÇA	9 343	1 582	234	503	179	274	298	94
BRASIL	8 995	664	80	185	54	120	190	35
PORTUGAL	8 974	750	123	220	62	122	166	57
BULGÁRIA	8 012	274	64	62	26	31	69	22
E. U. A.	7 113	1 767	246	489	204	249	449	130
REINO UNIDO	5 935	1 316	196	429	130	199	271	91
BANGLADESH	5 630	2 738	11	<b>2 640</b>	44	13	18	12
POLÓNIA	5 499	251	55	81	32	24	41	18
CUBA	5 435	414	64	109	26	53	123	39
ARGENTINA	4 946	584	95	183	59	59	152	36
ALEMANHA	4 676	608	100	181	53	94	138	42
MÉXICO	4 619	679	124	176	84	97	140	58
NICARAGUA	4 272	87	26	20	8	8	17	8
EL SALVADOR	2 869	63	5	16	2	19	20	1
CHILE	2 567	282	36	94	40	36	62	14
RUSSIA	2 553	189	37	49	22	27	43	11
SENEGAL	2 093	525	8	488	9	3	14	3
INDIA	1 674	134	16	57	5	13	34	9
PAÍSES BAIXOS	1 603	215	28	68	20	32	49	18
RESTO DE PAÍSES <sup>(2)</sup>	<b>34 749</b>	<b>3 213</b>	494	1 045	294	375	750	255

Fonte: Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid in [www.madrid.es](http://www.madrid.es)

A configuração do Distrito Centro vai mudando, uma vez que nele vivem na sua maioria, quando nos referimos à população estrangeira, indivíduos de Itália, Bangladesh e Estados Unidos da América, sendo então um local onde se verifica uma maior mistura de culturas diferenciadas geograficamente em relação a Tetuán. É de notar ainda que, se nos reportarmos

exclusivamente ao bairro de Embajadores, a população do Bangladesh se destaca em relação a qualquer outra, sendo de notar uma maior concentração da mesma ali. A instituição Culturas Unidas tem, dentro desta diversidade cultural, como principal desafio a gestão das várias culturas existentes no bairro, de forma a dar um sentido coerente às actividades que realiza, potenciando as diferenças como forma de enriquecimento cultural e não o seu contrário. Pretende-se nesta instituição, mais do que uma adequada gestão da coexistência, uma real gestão da convivência a partir das ações que ali se geram.

#### **4.3- Apresentação e discussão de resultados**

Face aos dados recolhidos e apresentados anteriormente, realizei um total de 3 entrevistas a pessoas que, ao nível profissional ou pessoal fazem parte dos Distritos de Tetuán e do bairro de Lavapiés, desenvolvendo ali práticas diversas e interagindo com a população ali residente. Optei assim por entrevistar três mulheres, duas do bairro de Lavapiés e uma de Tetuán. As nacionalidades eram distintas, no caso, espanhola, argentina e italiana. Duas das entrevistadas fizeram-no na condição de profissionais nas instituições que acompanhei e uma na condição de residente em Lavapiés. Sendo, como referido anteriormente, um estudo de natureza qualitativa, foi priorizado o conteúdo em detrimento do número de pessoas entrevistadas. Para a sua realização, foi feito um guião tipo (cf. Apêndice 3) que serviu como base e modelo para a condução das mesmas, que se pautaram por um contexto informal.

As próximas linhas atestam as conclusões a que cheguei depois das mesmas (as conclusões acompanharão o desenrolar de cada entrevista) procurando fazer uma ligação com o que foi escrito até aqui, tanto num plano teórico como na componente de acompanhamento dos dois locais (Tetuán e Lavapiés) estudados. As citações serão apresentadas na síntese realizada nos Apêndices 4, 5 e 6.

## 1-Raquel Tovar

Assim, a primeira entrevista teve a característica especial de ter sido realizada junto com uma pessoa que, além de trabalhar em Tetuán, em La Rueca, vive também no local, possibilitando-lhe uma dupla visão do local. É coordenadora da *Oficina Municipal de Información y Orientación para la Integración Social de Población Inmigrante*, permitindo-lhe esta qualidade ter uma visão mais integral sobre a vida ali a partir dos relatos da diversa população imigrante que visita o seu local de trabalho diariamente.

No que diz respeito à relação pessoal com o Distrito, refere-se que “*es un 2 en 1, soy profesional y vecina*”<sup>7</sup>. (cf. Apêndice 4). Quer isto dizer que, quando se cruza com pessoas na rua, muitas vezes as pessoas vêem, além de alguém que faz compras ou participa em actividades nas redondezas, também o dispositivo que organiza as ações de La Rueca nas suas diversas componentes. Vai encontrando diariamente na rua os usuários com quem também se cruza na instituição e vão parando e falando de temas que não permitem a separação entre a pessoa e a profissional. Muitas vezes, quando vai às compras, está duas horas orientando uma pessoa sobre os passos a dar para aceder a determinados documentos, por exemplo, o que leva a que goste do bairro mas muitas vezes não possa ter privacidade. Revela o desejo de que a vida pessoal seja sobretudo pessoal, o que a faz ter sentimentos contraditórios pela forma como vive. No mundo actual as pessoas, quando a encontram, perguntam o que necessitam nesse momento, não permitindo tempo e espaço para ócio quando na verdade o busca, procurando, na medida do possível, separar a vida na rua da vida na instituição. Simultaneamente, o facto de trabalhar em Tetuán permitiu-lhe a construção de redes que de outra forma não poderia ter sendo apenas *vecina*, proporcionando-lhe outro tipo de contacto e desenvolvendo as suas conversas a partir daí.

Raquel afirma que “*Tetuán es un sitio donde la gente vive en la calle, eso no lo ves en otros barrios de Madrid. Conviven en una acerita chiquitita, en un banco, donde sea.*” (cf. Apêndice 4). Grande parte das actividades diárias desenrolam-se em espaços abertos. Passa-se horas socializando na rua, mais do que a maioria dos bairros em Madrid. Faltam espaços de convivência mas as pessoas improvisam e constroem-nos em qualquer sítio desde que sejam na rua, pode ser num banco, numa praça, nos passeios. “Conviver é viver com os outros” (Jares, 2007), sendo que neste caso os espaços existem em espaços improvisados pelos habitantes locais. A existência de outro tipo de espaços poderia facilitar as relações mas isso não provoca inibição nos habitantes locais. Raquel afirma que “*si no los hay creados, los crean ellos mismos*”. (cf. Apêndice 4). Não obstante, as relações existem entre países diferenciados, ou seja,

---

<sup>7</sup> Designação dada às pessoas que vivem e, sobretudo, acompanham a vida local nos bairros em Espanha.

normalmente as pessoas de diferentes nacionalidades cruzam-se mas não convivem entre elas, criando-se espaços de convivência específicos de acordo com a nacionalidade de cada um. “*Hay una plaza aquí que tienes en un banco los marroquis, en otro los dominicanos, los paraguayos, sin que haya contacto directo*” (cf. Apêndice 4). O bairro em si é heterogêneo mas só se criam relações de convivência em espaços específicos, tais como os educacionais, em que os pais têm espaços em que se interrelacionam sem ser segregados pelos países de origem.

Apenas as crianças brincam juntas sem olhar a países, quando chegam à idade adulta as diferenças começam a fazer-se notar, há menos intercomunicação. Raquel lança uma questão colocada por um pai a uma criança: “*cuántos extranjeros hay en tu clase? No sé, somos todos niños, contesta el hijo*”. (cf. Apêndice 4). Na rua há relações de acordo com o país de origem. A multiculturalidade (Giménez, 2003) não conduz, de acordo com a entrevistada, à interculturalidade (idem), verificando-se a predominância de várias identidades sem que se passe da coexistência à convivência entre culturas formando uma identidade intercultural (Touraine, 1998; Jares, 2007).

“*Trabajo aquí en el barrio hace 7 años y vivo hace 13, era vecina antes de ser profesional. Vine porque tenía la familia cerca y era un barrio económico. Me gustaba el ambiente y la multiculturalidad que había en las calles ya en aquella época*”. (cf. Apêndice 4). A vida na rua foi também um factor importante. Não obstante, “*las cosas se han endurecido, el ambiente es más violento, sobretudo en algunas calles*”. (cf. Apêndice 4). A maior criminalidade pode estar relacionada com o aumento do desemprego que um pouco por todo o lado assolou Madrid na época de crise que vivemos nos últimos anos. “*Ha habido mucho paro, más gente viviendo en la calle sin tener nada que hacer y los perfiles se han cambiado*”. (cf. Apêndice 4). Os meios de comunicação fazem crer que a violência é superior entre imigrantes mas na verdade não é assim, uma vez que é fruto do desemprego que atingiu todas as nacionalidades, a espanhola também. Refere-se que “*un marroqui o un dominicano ha asesinado a alguien, cuando es un español no dicen que es un español*” (cf. Apêndice 4).

As estatísticas dizem que em determinados delitos são os imigrantes que os cometem maioritariamente, mas muitas são produzidas pela própria comunicação social e pelos julgamentos que se fazem a partir daí. É preciso ver que a grande vaga de imigração para Espanha começou há pouco tempo e a população local ainda se está a ambientar às novas formas de vida.

“*La Rueda es una de organizaciones que trabajó de manera pionera en tema de migración en Madrid, muchos de los proyectos que se iniciaran como proyectos propios luego han sido dispositivos públicos, por parte de la Comunidad de Madrid.*” (cf. Apêndice 4). Há assim um reconhecimento das boas práticas ali realizadas. Os técnicos foram assessorando a comunidade

de Madrid na criação de determinados dispositivos, tais como os CASIS<sup>8</sup>. Dentro do que é La Rueca actualmente, há algum destaque para a Campanha Anti Rumores- *“por Distrito se van haciendo diferentes actividades adaptadas al entorno y participan personas que trabajan contra los rumores. Por ejemplo, yo soy marroqui y no robo”*. (cf. Apêndice 4). Em Tetuán trabalham-se sobretudo os preconceitos e as frases feitas, evitando os julgamentos prévios em relação a cada grupo social.

O relacionamento entre nativos e imigrantes não é fácil em Tetuán, uma vez que a população residente ainda é muito envelhecida e conservadora no que diz respeito às tradições. *“Tetuán es una población envejecida y partimos de que todo el trabajo intergereneracional es muy difícil, además tratándose de diferentes nacionalidades”* (cf. Apêndice 4). De acordo com as estatísticas da comunidade de Madrid ([www.madrid.es](http://www.madrid.es)), a maioria da população residente em Tetuán estava concentrada nas faixas etárias entre os 25-29 anos e os 60-64 anos. Além do trabalho entre culturas há que fazer um trabalho entre gerações, porque *“muchos de los inmigrantes llegan en edad joven y los mayores tienen determinados prejuicios, determinados estereotipos y no facilitan, no es igual una persona joven, con determinadas ideas, otras experiencias y una persona mayor”* (cf. Apêndice 4). Ainda assim, há algumas excepções, que garantem casos de êxito na relação entre idosos e imigrantes. *“En el tema laboral hay varios casos de éxito, como es el caso de los cuidadores, ahí la nacionalidad no importa tanto”* (cf. Apêndice 4). Aí há um destaque maior para a competência em detrimento da nacionalidade, ainda que a primeira impressão seja de renitência em aceitar um imigrante por parte do idoso ou da sua família. *“Un inmigrante en relación directa con un anciano, una relación de trabajo, es la mejor manera de romper prejuicios”*. (cf. Apêndice 4). É difícil criar um contacto mas quando se cria normalmente a relação que se gera é de sucesso. Destaco uma situação de uma imigrante que vinha para ser atendida em La Rueca e entrou em pânico porque tinha perdido todos os seus documentos no autocarro, que a deixava à porta da instituição. Alguns minutos depois, chamou um senhor que ligou para o seu telemóvel (o número estava na pasta com os documentos), dizendo que tinha encontrado tudo e podia entregar-lhe onde quisesse. Devolveu-lhe tudo ainda em La Rueca, junto com o seu cão, com quem estava dentro do autocarro quando encontrou a pasta, referindo que nada tem contra qualquer estrangeiro que viva ou visite Madrid e que se relaciona com eles como com qualquer espanhol. *“La creación de espacios de convivencia ayuda a romper prejuicios, cuando convivimos nos conocemos mejor, pero debemos ir allá de los chavalines que juegan futbol o están sentados en la calle”* (cf. Apêndice 4). Instituições como La Rueca podem ajudar a construir essas relações. *“Tetuán es rico en la*

---

<sup>8</sup> Centros de Atención Social Inmigrantes, que contavam, entre outros com profissionais de advocacia e mediadores interculturais

*mezcla de culturas que tiene pero no entran en relación entre ellas*” (cf. Apêndice 4). As comunidades mais fortes são a dominicana, a paraguaia e a filipina, com os marroquinos gradualmente a deslocar-se para outras zonas da cidade. A mistura de culturas não é tão visível em outros locais da cidade, apesar de existirem espaços mais heterogêneos no que diz respeito à percentagem. No entanto, Tetuán, pela estrutura física das ruas, que além de uma ou duas ruas grandes se constitui com uma grande quantidade de ruelas e praças pequenas onde se concentram as comunidades, faz com que haja uma maior visibilidade das pessoas estrangeiras ao nível dos bairros. Em outros Distritos há comunidades muito grandes, mas por estar muito dispersa não tem tanta visibilidade. Em Tetuán com as ruas mais estreitas, edifícios mais próximos, há uma sensação de maior concentração. Faz notar que *“determinadas comunidades pasan más desapercibidas, por exemplo, un ecuatoriano puede pasar perfectamente por español, pero un dominicano o un chino, por el color de piel, una persona de color te va a llamar más la atención”*. (cf. Apêndice 4). Em determinados casos percebe-se imediatamente que os imigrantes não nasceram em Espanha, chamando mais a atenção. *“La relación entre españoles y inmigrantes se va normalizando poco a poco, por efecto de la renovación generacional y una gran parte de la normalización son los colegios”* (cf. Apêndice 4). Os mais velhos, há algumas décadas atrás, não viveram tanto a chegada de imigrantes como agora se vive. A imigração, como já referido, é um fenómeno ainda recente em Espanha. Por exemplo, *“cuando iba al colegio solo había una chica peruana, los ámbitos educativos están ayudando a la normalización en cuanto a espacios de encuentro”* (cf. Apêndice 4). Agora há uma mistura muito maior, começa a ser igual qual é a origem de cada um. Os pais de cada criança encontram-se à saída dos colégios e nas reuniões de pais, entrando em relação nesses momentos concretos. Entre as crianças as diferenças de nacionalidade são pouco significativas, uma criança normaliza de forma natural, a diferença vê-se mais, por exemplo, se somos gordos ou magros, ou se temos óculos ou não, do que na nacionalidade. A escola é um “microcosmos da sociedade” (Vieira, 2007b; Vieira, A. e Vieira, R., 2006 e 2007; Vieira, A., 2013; Vieira, A. e Vieira, R., 2017) e pode ser um veículo fundamental para normalizar as diferenças e “ensinar a aprender a viver juntos” (Caride, 2009; Jares, 2007; Peres, 2010b; Touraine, 1998; Vieira & Vieira, 2017).

Está a fazer-se esforços para naturalizar as diferenças, mas falta coordenação. *“Muchos tienen propuestas interesantes pero actúan aisladamente, presentan los mismos proyectos y no se coordinan”* Se a atuação fosse feita conjuntamente poderiam contribuir para que a mudança fosse mais efectiva. Há actividades integradoras dentro do bairro mas que seriam mais fortes se se juntassem forças e, simultaneamente, se se auscultasse mais as pessoas dos bairros e não se tomassem decisões para o seu bem estar sem lhes perguntar o que é para elas o bem estar. A exigência de cumprir com determinados resultados e indicadores ante as entidades financiadoras

leva a que haja uma maior preocupação com o fim e não com os meios, levando a que a intervenção nem sempre tenha a qualidade desejada, perdendo-se a essência, *“importa más la finalidad que los medios, nos falta aunar esfuerzos”*.

No futuro, haverá mudanças em Tetuán, uma vez que tendencialmente a população mais velha vai morrer, *“habrá una renovación de las personas en el Distrito, una renovación generacional por los perfiles de las personas que viven en Tetuán”* (cf. Apêndice 4). A especulação imobiliária que vai atingindo a cidade de Madrid poderá chegar cada vez mais a Tetuán, a partir do momento em que o Município queira criar uma nova zona de luxo na cidade, *“una nueva Gran Via”*, transformando muitos espaços e criando grandes superfícies comerciais. Tetuán está muito bem localizado, próximo do centro de Madrid, por isso é natural que a especulação chegue em força nos próximos anos. *“Están empezando a especular, dependerá del desarrollo urbanístico futuro que nos crean alrededor, si va a ser algo más elitista echarán a la población obrera, los inmigrantes van fuera”*. (cf. Apêndice 4).

Em outras zonas já se vai verificando uma expulsão simpática de determinadas comunidades pela especulação imobiliária. Alguns bairros transformaram-se de tal forma que há alguns anos ninguém queria viver ali, tal como Lavapiés, mas agora entraram na moda. Tetuán deverá seguir a mesma linha, não se tornando uma nova Lavapiés por ser maior em tamanho, mas os preços subirão.

## 2- Chiara Orrico

A segunda entrevista foi feita a uma jovem que não tem relação institucional com o bairro de Lavapiés mas vive ali desde que chegou a Madrid, fazendo grande parte da sua vida diária pela zona. Realizou-se num café do bairro.

*“Veo Lavapiés como un barrio muy bonito desde que llegué, tiene de todo, supermercados, farmacias, tiendas, hay gente en las calles a cualquier hora del día y de la noche, y, al contrario de lo que muchos dicen, es seguro”* (cf. Apêndice 5). O ritmo foi-se intensificando nos últimos anos, mas as pessoas continuam a cumprimentar-se nas ruas, principalmente os mais velhos. É visto como um bairro multicultural, onde é muito fácil encontrar gente com culturas muito distintas, cada uma com a sua história, línguas muito diferentes da espanhola, o que ajuda a que haja uma aprendizagem diária sobre as diferentes formas de vida que ali residem. O reconhecimento do outro (Taylor, 1993) é real na observação que pude fazer do bairro. Não obstante, é um bairro muito antigo, em que há pessoas que viveram ali toda a vida. Há edifícios com mais de 100 anos, mas que foram renovados, o que possibilita condições de vida relativamente boas. Outra das características do bairro, esta incontornável, é o ruído intenso a quase todas as horas, o que leva a que as pessoas tenham que se acostumar. *“Hay siempre un montón de ruido, la gente habla muy alto”* (cf. Apêndice 5). Há muitas esplanadas, principalmente no verão as pessoas saem até mais tarde e falam muito alto, sendo em alguns locais difícil dormir antes da madrugada. *“Hay muchos grupos, de africanos, América del Sur, eso no se nota tanto entre europeos, que están más juntos”* (cf. Apêndice 5). A convivência entre grupos gera-se pouco nas ruas de Lavapiés, ainda que haja uma aceitação e um reconhecimento da importância da presença de cada cultura para enriquecer culturalmente o bairro.

É um bairro que se destaca pela centralidade que tem, está perto do centro de Madrid, onde se pode chegar facilmente a pé. Lavapiés conta também com uma estação de metro na Plaza de Lavapiés. *“Vine porque tenía una amiga que vivía aquí, no sabía nada del barrio y me quedé porque tengo todo lo que necesito”* (cf. Apêndice 5).

Não se vêem muitos espanhóis em Lavapiés, nota-se sobretudo a presença de imigrantes. *“Veo más a los extranjeros, incluso los que trabajan en las tiendas son casi todos extranjeros”* (cf. Apêndice 5). Os espanhóis gostam de ir ao bairro pela animação e pelas esplanadas ao ar livre, que proporcionam um ambiente agradável no verão, mas quase sempre são pessoas que não vivem ali, vão apenas ao local com um objetivo, que passa por ir às lojas ou divertir-se. *“Los españoles suelen estar en grupos de españoles y muchas veces no es fácil crear una relación con ellos. En Madrid es un poco diferente, más abierto”* (cf. Apêndice 5), não permitindo muitas vezes que alguém que venha de fora se integre, restringindo de alguma forma o acesso

ao grupo. Só os mais velhos “*caminan con los nietos por allí, saludan a las personas pero nada más*”. (cf. Apêndice 5). A vaga de imigração em Espanha é relativamente recente e o país está ainda num período de adaptação (Arango e Finotelli, 2009; Roa, 2017).

Dentro das actividades interculturais que se realizam no bairro destaca-se *La Casa Encendida*<sup>9</sup>, um espaço que organiza diversos espectáculos de cinema, teatro ou música e proporciona o encontro entre pessoas de diferentes nacionalidades. “*Edificios como la Casa Encendida pueden ayudar a favorecer la integración*”(cf. Apêndice 5). Na Plaza de Lavapiés, o ponto central do bairro, “*hay actividades, gente que se pone ahí tocando instrumentos, a bailar, es el rollo del barrio*” (cf. Apêndice 5). Organizam-se aí actividades de forma mais espontânea, especialmente de música, em que uma pessoa simplesmente decide começar a tocar um instrumento, gerando impacto nas pessoas que passam. É um bairro “*donde se vive en la calle*” (cf. Apêndice 5).

Nos próximos 10 anos, “*se quedará siempre un barrio multicultural, que te acoge bien, pero espero que hagan obras para mantener los edificios. Las nuevas familias españolas se van a mudar aquí, porque está bien comunicado*” (cf. Apêndice 5).

---

<sup>9</sup> [www.lacasaencendida.es/](http://www.lacasaencendida.es/)

### 3- Paola Massa

Paola é argentina e veio para Espanha há quase duas décadas, tendo feito grande parte da sua vida em Madrid. Trabalha em Lavapiés há alguns anos, em Culturas Unidas, passando por ali diariamente vários habitantes do bairro, especialmente crianças e jovens imigrantes. Chegou a Espanha com a ideia de melhorar as suas condições de vida junto com o namorado argentino que tinha na época. Na Argentina nunca teve condições de vida ideais e decidiu arriscar, buscando uma nova vida. Decidiu ir viver para Espanha pela questão da língua, que permitiria uma adaptação mais fácil e rápida. Estava a trabalhar na Argentina mas decidiu mudar por considerar que em Espanha teria mais condições e um futuro mais digno. O desejo de conhecer mais mundo foi também um dos factores preponderantes para a decisão e acabou por estabelecer-se em Madrid. As coisas não foram tão fáceis como inicialmente previa, porque veio sem papéis, estando 5 anos sem papéis. Ao longo desse tempo, por 3 vezes diferentes negaram-lhe a residência por não cumprir os requisitos, que passavam por ter um contrato legal de trabalho com uma empresa. Encontrar trabalho sendo estrangeira foi extremamente complicado. Com o governo de Zapatero houve alguma regularização relativamente aos estrangeiros que já viviam no país há alguns anos, obtendo os papéis um ano depois. Antes disso esteve em pequenas tarefas todas “em negro” e de forma ilegal, além de ser muito mal paga, tentando garantir a sobrevivência. Não podia sair de Espanha e esteve alguns anos sem ver a família, porque se depois quisesse voltar a Espanha poderia não ter permissão para tal. Os papéis foram o motor de arranque para a nova vida, estando alguns anos trabalhando como vendedora em várias lojas. Estudou Belas Artes mas não se via capaz de continuar a exercer essa função em Espanha, apesar de muita gente a tentar convencer a avançar. Um dia conheceu a fundadora de Culturas Unidas por mero acaso e, depois de se tornarem amigas, convenceu-a a ser voluntária ali, dando apoio escolar a crianças nas excursões que a instituição vai organizando. Acompanhou as crianças também num acampamento de verão e depois foi convidada a trabalhar ainda como voluntária nas actividades com a infância em período lectivo. Surgiu um projeto financiado e acabou por ser contratada pela associação, que vai vivendo exatamente da capacidade de obter financiamentos públicos ou privados para garantir a sua sustentabilidade.

*“Conozco este barrio ya hace 18 años y la primera vez que vine era completamente diferente, la población era más árabe, se lo tenía como complicado, había delincuencia, no se sabía que pasaba”*. (cf. Apêndice 6).

Por todas as teorias ligadas ao preconceito contra a população árabe, era um bairro visto como complicado e indesejado pela população local residente em Madrid.

*“Siempre me llamó la atención lo pintoresco de Lavapiés, el hecho de ser multicultural”* (cf. Apêndice 6). A população mudou nos últimos anos chamando mais a atenção as pessoas do

Bangladesh, socialmente muito diferentes das árabes. “*Empecé como voluntaria y me llamó la atención sobre todo los niños que teníamos en infancia, que eran de Bangladesh, diferentes socialmente de los árabes. Ahora hay de todo, aunque se esté metiendo otro tipo de personas, los del turismo*” (cf. Apêndice 6). É um bairro cada vez mais multicultural, o que leva a mais abertura e a que se possa ver um pouco de tudo. Em simultâneo, essa fama vai trazendo cada vez mais turismo, o que faz com que cada vez menos se perceba quem são os habitantes locais e quem vai ali de visita. O turismo move a riqueza não cultural, valorizando-se mais a vertente financeira. Isto gera a denominada cultura de escapatate” (Mas 2001: 75), referida no capítulo 2, atribuindo-se um valor económico à riqueza cultural. De pequeno Marrocos foi-se transformando num caldeirão de culturas que vai sendo aproveitado pela indústria do turismo. Nas lojas e restaurantes destaca-se o comércio do Bangladesh e os bares e restaurantes de comida indiana. Destaco aqui os já abordados conceitos de identidades líquidas (Bauman, 2005), em gerúndio (Vieira, 2009) ou compósitas (Maalouf, 2000), devido às reconfigurações identitárias que se geram no território a partir da chegada de novas pessoas e, sobretudo, novas culturas.

“*Ahora todo está más amplo, antes la calle Argumosa estaba llena de chiringuitos, ahora está todo mezclado, pero apunta a que vaya a ser un barrio donde las generaciones modernas van a venir, más hipster. Se quedará la esencia pero con una pincelada hipster*” (cf. Apêndice 6). Os pequenos bares existem em cada esquina, não se distinguindo aí a nacionalidade.

Agora há mais mistura, mas ao mesmo tempo ao nível local está tudo a modernizar-se, em paralelo com a imensidão de ideias que vão surgindo e criando novos negócios. A essência continua mas vai sendo explorada, o que é novo vai eliminando o antigo. “*Al lado de una fruteria tradicional bangla es natural que se encuentre un bar gourmet, los turistas buscan esto.*” (cf. Apêndice 6). Os turistas procuram cada vez mais bairros assim, uma vez que há exposições, sítios para comer e as ruas em si levam a que se queira estar nelas em espaço aberto. “*Lo que hay ahora mismo aquí es mucho turismo, las casas de las personas que vivieran aquí toda la vida van siendo compradas por empresas que hacen obras y los transforman en negocios con intereses.*” (cf. Apêndice 6). Estes novos arrendamentos, por valores muito altos, fazem com que as casas que actualmente não têm grandes condições subam também os valores das rendas, atraíndo outro tipo de população, que impulsionada pela centralidade ou pela fama multicultural do bairro opta por ali viver, permitindo-se pagar valores elevados mensalmente. A população com poucos recursos, nomeadamente imigrantes da Índia, Bangladesh, entre outras, “*van yendo para otras zonas, porque los propietarios de las casas quieren cambiar el barrio y ganar dinero con él*” (cf. Apêndice 6).

Culturas Unidas é uma ONG que trabalha com infância, famílias e voluntariado. Dá apoio e recursos às crianças e jovens carenciadas, tanto estrangeiros como de Espanha, mas principalmente de fora, essencialmente as que residem no bairro. Contudo, “*a veces la Seguridad Social deriva a personas de otros barrios y no hay cualquier problema en acogerlas*” (cf. Apêndice 6). Em relação às famílias ajudam à integração através de, por exemplo, cursos gratuitos de espanhol e actividades que propiciem a integração entre diferentes culturas, isto para que tudo possa fluir. Procura assim contrariar “o funcionamento monolítico da instituição social independentemente do contexto em que se insere” (Silva 2014: 427). O voluntariado é o que move o centro, tendo a característica de “*recibir todas las ideas desde que sean concretizables a través de los recursos existentes. Al contrario de otros centros son los voluntarios que traen las ideas, no es Culturas Unidas quien las impone*” (cf. Apêndice 6). É como uma fábrica de ideias a ser aproveitadas, é mais do que uma ONG que ajuda. A potencialidade da mediação intercultural vs mediação de conflitos (Vieira & Vieira, 2017) apresenta-se aqui, no caso desta associação, na capacidade de receber cada ideia e pô-la em prática num contexto multicultural, gerando potenciais interessados em participar nas actividades que daí surgem. Por exemplo, se um chinês se propõe a ministrar aulas do seu idioma, Culturas Unidas tenta encontrar interessados em aprendê-lo, não distinguindo nacionalidades e proporcionando um encontro de culturas.

As pessoas que chegam para apoiar recebem bem a ideia de que não há dinheiro a receber, sendo que a base da boa disposição reinante é o facto de cada um ser recebido de forma igual e de as novas ideias serem bem vindas. Estabelecer os planos e objectivos previamente limitaria os voluntários e a sua acção e criatividade. Há muita fidelização à associação porque “*estimula la participación, hacer cosas, el hecho de que cualquier persona tiene potencial.*” (cf. Apêndice 6).

As pessoas mais velhas acabaram por aceitar quem chegou ao bairro. Foram-se criando diferentes redes migratórias em Lavapiés, gerando-se aquilo que é hoje sem que quase se tivessem dado conta. Houve então uma adaptação dos mais velhos em relação a quem chegou e o que é certo é que “*la relación entre ambos es buena, no hay aparentemente muchos conflictos*” (cf. Apêndice 6). O grande problema está nos novos proprietários, que compram as propriedades antigas, renovam-nas e querem mudar o bairro, trazendo outro tipo de população e criando distâncias em relação a esta forma de multiculturalismo, ou seja, à permanência destas nacionalidades, como os senegaleses, indianos, marroquinos, normalmente com menores recursos. Há no entanto que dizer que “*en las calles las personas se dividen en grupos, nacionalidades, apenas saludan los otros, pero tampoco hay un conflicto abierto, declarado*” (cf. Apêndice 6). Dentro da instituição há actividades que propiciam a mistura, os profissionais trabalham na área das migrações e relacionam-se assim com os diferentes grupos existentes. “*Es*

*una ventaja ser argentina o, concretamente, no ser española, porque si fuese habría más distancia e más resistencia por parte de los inmigrantes”* (cf. Apêndice 6). Uma imigrante a falar com imigrantes ajuda a ser vista como uma pessoa que passou por aquilo que quem a recebe também está a passar.

No geral, *“la relación entre españoles e inmigrantes es pacífica pero también nula, aunque no entren en conflicto”* (cf. Apêndice 6), está cada um no seu lado, há pouca mistura. *“Un español establece una especie de ranking. No hay problemas por ser argentina porque, a pesar de todo, no hay tanta diferencia cultural”* (cf. Apêndice 6), além de ser um país, quando comparado com outros na América do Sul, com mais condições. Uma equatoriana, boliviana ou senegalesa, por exemplo, geraria um acolhimento com maior distância e o tom de pele também não favoreceria. Um argentino, sendo mais similar fisicamente, é visto como menos problemático.

Culturas Unidas destaca-se porque *“dio un impulso grande a la integración, diversidad, principalmente en el trabajo con niños, jóvenes y familias.”* (cf. Apêndice 6). Houve um trabalho importante de eliminação de barreiras, fronteiras e resistências para convencer as pessoas a entrar na associação, mas o que é certo é que agora o fazem de forma voluntária e consciente, nota-se mudanças. As pessoas vão porque querem, não são obrigadas e não há qualquer consequência se não forem. Moveram-se vários fios que tocaram as fibras, ao fazer pequenas coisas estas foram-se transformando em grandes, através da colaboração entre todos.

No futuro, *“Lavapiés tendrá el mismo toque de multiculturalidad pero con otro nivel, con una modernización de los negocios y de las casas”* (cf. Apêndice 6), os turistas virão cada vez mais para buscar a essência mas a genuinidade será outra. Será o que foi mas em versão mais moderna, tal como aconteceu em outros bairros de Madrid, como Chueca ou Malasaña. Isso seria motivo de frustração para as pessoas de Culturas Unidas, sobretudo pela aprendizagem que as pessoas do Bangladesh, Marrocos, Senegal e outros países trazem, mas teriam que se readaptar às novas condições do bairro ou inclusivamente mudar a sua actividade para outro bairro. Contudo a ideia base da associação será a congregação de várias culturas no mesmo espaço e o interconhecimento que isso proporciona.

## CONCLUSÕES

As próximas linhas visam resumir os conteúdos do que foi a realização deste estudo ao longo dos vários meses de 2018 em Madrid, além de mostrar algumas respostas sobre as investigações produzidas fruto da aprendizagem que retive. Baseei-me em alguns fundamentos teóricos, inspirados em algumas referências da mediação intercultural na actualidade, para perceber como conceitos explorados pelos mesmos, tais como as identidades e a forma como se modelam nas sociedades atuais, em que a mudança constante vai sendo cada vez mais uma realidade, as noções de cidadania e nacionalidade, além da multiculturalidade e interculturalidade, indo ao encontro de instituições e práticas que promovem a mediação adaptada a uma cidade com as especificidades de Madrid. Ao longo do texto foi possível verificar que todos estes conceitos se interligam, uma vez que a cidadania e os direitos enquanto cidadão vão sendo cada vez mais fundamentais para a estruturação de identidades que se traduzam em sentimentos de pertença em cada sociedade, extravasando gradualmente a nacionalidade como condição fundamental para gozar desses mesmos direitos. Estas mudanças vão conduzindo à estruturação de novas identidades num mundo multicultural, em que, no cruzamento de culturas, a mudança é efectiva em qualquer uma delas. Os conceitos antes referidos de identidades compósitas (Maalouf, 2000) ou em gerúndio (Vieira, 2009) são a expressão dessa mesma pluralidade que faz com que não tenhamos nem possamos ter uma única identidade ao longo da vida, uma vez que cada um de nós somos o espelho de todas as nossas experiências e da forma como as vivenciamos.

Todos estes conceitos foram aplicados à escala de Madrid, escolhida numa fase inicial quase por casualidade numa viagem de fim de semana que acabou por mudar o rumo da minha vida a partir da ideia da construção da dissertação que aqui apresento. A ideia de passar a ser eu próprio um sujeito da interculturalidade a estudar foi uma particularidade extremamente atractiva na condução de todo o processo, uma vez que vivi também na pele algumas das coisas pelas quais um imigrante tem que passar ao longo da sua mudança para outro território. Na cidade estudei dois locais em particular, um bairro (Lavapiés) que se caracteriza por ser a expressão da multiculturalidade na cidade, considerado por excelência o bairro onde proliferam mais culturas diariamente na cidade, e Tetuán, um Distrito caracterizado por uma mistura grande de culturas, com a proeminência de umas em relação a outras em cada um dos bairros do Distrito. A escolha destes locais devem-se ao facto de ambos estarem, de acordo com os relatos de algumas das pessoas que ali vivem, a mudar, por terem os dois uma natureza multicultural e por terem características relativamente semelhantes, que passam, por exemplo, de acordo com algumas pessoas, pelo facto de a vida em ambos os locais se fazer nas ruas, apesar de Tetuán ter outra dimensão, é visto como um futuro Lavapiés, uma vez que este vai encarecendo em termos de mercado imobiliário à medida em que se vão renovando as casas, trazendo consequentemente

outro tipo de população residente. Tetuán, igualmente central, tem uma essência semelhante. Alguns dos bairros que o constituem são vistos como um possível novo local em que se vão fixando imigrantes com poucos recursos económicos, pelo custo de vida mais barato, nomeadamente no que diz respeito às possibilidades de arrendamento. Esta conclusão leva a pensar que os diferentes bairros de uma cidade têm ciclos, modificando-se de acordo com aspetos políticos ou através de uma maior ou menor aposta neles, por exemplo, como promotores do turismo. A multiculturalidade de Lavapiés, por exemplo, tornou-se um fenómeno de moda que atrai hoje uma quantidade considerável de turistas às suas ruas. Além disso, optei por entrar em contacto com uma instituição pertencente a cada um dos locais referidos, com o objetivo de compreender melhor as formas de vida locais. Foi a melhor maneira de ganhar rotinas e aprofundar o conhecimento a esse nível. Assim, o presente estudo não pretende nem nunca pretendeu ser uma descrição exaustiva de cada um dos locais ou instituições com quem estive, mas sim a procura de perceber que tipo de práticas promovem para favorecer a mediação intercultural naquelas zonas e, através disso, compreender até que ponto existe interculturalidade baseada na convivência ou multiculturalidade baseada na coexistência, além das práticas que se constituem como formas de mediação no seio dessas mesmas instituições.

Sendo um estudo etnográfico, optei pela realização de 3 entrevistas, 3 casos diferentes de pessoas que, cada uma à sua maneira, numa vertente mais pessoal, profissional ou as duas, têm um conhecimento profundo das realidades investigadas. A concretização das mesmas foi como um culminar da investigação que foi sendo dirigida ao longo dos meses, visando, através do guião das questões realizadas, ir ao encontro dos objetivos da dissertação e da pesquisa feita anteriormente e apresentada nos capítulos prévios.

Respondendo à pergunta de partida inicialmente colocada, posso referir que, em função das observações feitas ao longo do tempo, a intervenção social das duas ONG estudadas conduz a uma interculturalidade em pequena escala. Quer isto dizer que, entre as comunidades que frequentam estas associações, nota-se o efeito da sua presença e participação ali, uma vez que voluntariamente se deslocam às mesmas para participar nas suas actividades e muitas vezes são convidadas a dar as suas ideias, como é o caso de Culturas Unidas, em que, como referi no capítulo anterior, muitas vezes são as próprias pessoas que trazem as ideias para pô-las em prática mais tarde, como é o caso das aulas de línguas. Ao mesmo tempo, a forma de trabalhar proporciona um empoderamento constante de quem as frequenta, referindo-me aqui, por exemplo, às artesãs que estavam em casa desmotivadas e foram incentivadas a revelar o seu potencial mostrando o seu trabalho em feiras de artesanato local e crescendo a partir daí. Já La Rueca foca mais a sua intervenção no apoio jurídico, podendo considerar-se como mediadora sociocultural nesse âmbito a partir do momento em que apoia os cidadãos imigrantes em

diversas questões legais, acompanhando os seus processos e mediando os conflitos com as entidades competentes espanholas. Além disso, a intervenção foca-se mais nos técnicos, que participam nos fóruns locais ou nas *Asociaciones Vecinales*, onde, apesar de ser um espaço aberto a todos os cidadãos, há pouca participação dos imigrantes, com excepção daqueles que têm um vínculo com cidadãos espanhóis, por via, por exemplo, do casamento.

Refiro-me a interculturalidade em pequena escala porque é claro que existe convivência intercultural dentro das actividades que as ONG estudadas realizam, participando nelas um número superior de pessoas relativamente aos que as frequentavam à data da sua fundação, mas ainda assim nota-se que o que se passa nas ruas é diferente. Existe, sim, coexistência, os conflitos são escassos, mas não há lugar à convivência, juntando-se os indivíduos em grupos de acordo com a sua nacionalidade. Coexistem no mesmo espaço mas não se relacionam entre eles. Há no entanto que assinalar que a chegada dos imigrantes aos locais estudados produziram alterações no estilo de vida dos ali residentes, que hoje em dia compram fruta em lojas de imigrantes do Bangladesh, por exemplo, como é o caso de Lavapiés. Ainda assim, não passa de uma convivência inconsciente, que não é extravasada para outros níveis da esfera pública. Concluo assim que o papel da mediação sociocultural e intercultural realizado pelas instituições é fundamental para a criação gradual de uma interculturalidade a larga escala, uma vez que foi exactamente a acção destas que abriu alguns caminhos. Nas várias entrevistas realizadas, destaca-se o papel das crianças e jovens, que não vêem nacionalidades mas sim outras crianças e jovens. Quer isto dizer que a escola e as formas de ensino têm um papel fundamental na construção da interculturalidade nos próximos anos. Na escola a convivência gera-se quase obrigatoriamente nos encontros de pais ou nas aulas frequentadas por alunos de várias nacionalidades e nos mercados verifica-se uma convivência inconsciente, como referi antes, na medida em que se cruzam várias culturas no mesmo espaço, proporcionando o contacto. Nas ONG estudadas a convivência é voluntária uma vez que não há qualquer obrigação por parte dos indivíduos de as frequentarem.

Existe convivência quando se organizam actividades que propiciem a relação, mas não é uma relação espontânea, é uma relação criada que desaparece a partir do momento em que os indivíduos estão na rua. Aí predomina a coexistência cultural, mas não mais do que isso. Alan Touraine refere que “nós já vivemos juntos” (1998: 13) - Lavapiés e Tetuán são exemplos disso-vive-se mas não se convive, ainda que as identidades se transformem no caso das pessoas que entram em relação com cidadãos espanhóis. Os dominicanos, por exemplo, criam o seu próprio mundo, a sua própria ilha, sendo que muitas vezes se apelidam algumas ruas de “mini Caribe” em Madrid.

A convivência entre grupos é ainda difícil, sendo no entanto comum a existência de grupos com dimensões consideráveis que se baseiam concretamente na nacionalidade ou, quando muito, na proximidade cultural, por exemplo através do idioma. Contudo, e no que diz respeito à relação da população espanhola, nomeadamente de Madrid, com os imigrantes, esta é mais próxima quanto maiores são os laços culturais existentes, embora os preconceitos que existem em relação a determinados extractos populacionais levem a alguma distância – além da proximidade cultural estão também em causa as condições económicas - um indivíduo proveniente de um país em que se fale espanhol ou um idioma semelhante (português ou italiano, por exemplo) e em que o Estado a que pertence tenha à partida mais capital (Argentina, Chile, entre outros) poderá ter uma integração na vida social mais rápida do que outros. As semelhanças físicas são outro dos factores fundamentais que ajudam à maior proximidade, uma vez que há pessoas que não transparecem não ser espanholas pelo seu aspeto físico. Há assim uma hierarquização inconsciente no que diz respeito às relações sociais da população espanhola com outras. Não quer isto dizer que haja um clima de hostilidade, uma vez que nas entrevistas realizadas, além dos restantes indivíduos com os quais foi estabelecido contacto, os imigrantes encontram em Madrid um bom espaço para viver, mas a convivência tende a ser mais fácil entre aqueles que aparentemente são iguais. É portanto notória a constituição de grupos que acabam por não se cruzar, ainda que residindo em espaços próximos. As instituições estudadas, assim como outras no terreno, dão igualmente um contributo importante na promoção do interconhecimento e da aprendizagem mútua, realizando actividades em que se estimula o encontro entre diferentes, mas falta assumidamente uma congregação de esforços, referida por Raquel Tovar na entrevista que lhe foi realizada no capítulo anterior, que proporcione um trabalho em rede efectivo, evitando que cada um trabalhe para si e prepare pequenas acções, quando a congregação de esforços poderia levar a resultados mais positivos. A centralização nos fins e não nos meios prejudica também a ação institucional, na medida em que grande parte das ações visam concretizar objectivos e linhas concretas, traçadas através de um dfinanciamento de uma entidade externa.

A relação com os mais idosos é positiva na opinião dos entrevistados, uma vez que todos apontam à existência de casos de sucesso na ligação entre estes e a população imigrante. Nos próximos anos haverá reconhecidamente mudanças em cada um dos locais estudados, sendo que estas dependerão muito das apostas feitas pelos proprietários das casas e por outro nas decisões políticas que incidirão sobre determinadas zonas.

Cabe a cada um de nós ir construindo os caminhos da interculturalidade. A multiculturalidade já existe, se calhar sempre existiu e a mudança em cada um de nós é inegável e sobretudo inevitável. Apesar de haver ainda um largo caminho a percorrer no reconhecimento das

diferenças, na convivência entre todos e na identificação da mudança como factor de evolução constante das identidades, há já sinais positivos que levam a que possamos acreditar num futuro mais condizente com a gradual transformação de um mundo multicultural num mundo intercultural.

## BIBLIOGRAFIA

- Alonso, B. (2015). *Los mitos de la emigración española*. San Pablo: CEU Ediciones.
- Angrosino, M. (2012). *Etnografía y observación participante en investigación cualitativa*. Madrid: Ediciones Morata.
- Arango, J., & Finotelli, C. (2009, May). *Past and future challenges of a Southern European migration regime: the Spanish case*. Retrieved November 30, 2016, from IDEA: [http://www.idea6fp.uw.edu.pl/pliki/WP8\\_Spain.pdf](http://www.idea6fp.uw.edu.pl/pliki/WP8_Spain.pdf).
- Argandoña, A. (2007). *La integración de los inmigrantes*. Navarra: Universidad de Navarra.
- Baganha, M. (2005). Política de inmigrantes: a regulação dos fluxos, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* 73. pág. 29-44.
- Barber, B. (1995). *Jihad vs Mcword*. New York: Times Books.
- Barrero, R. (2004). *Multiculturalidad e Inmigración*. Madrid, Editorial Síntesis, S.A.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade- Entrevista a Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bourdieu, P. & Champagne, P. (1999 [1993]) Os excluídos do interior, in Bourdieu, P. (Coord.) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Ed. Vozes, pág. 482-486.
- Burgos, B. (2015). *Tetuán*. Madrid: Tempora.
- Canelini, N. (2006). La globalización: productora de culturas híbridas?, in Encina, J. y Montañés, M. (coord.) *Construyendo colectivamente la convivencia en la diversidad : los retos de la inmigración – Democracias participativas 2*. Sevilla: Unilco.
- Caride, A. (2009). Los derechos humanos en las políticas educativas, in Caride, A. (Coord.) *Los derechos humanos en la educación y la cultura*. Aegentina: Homo Sapiens Ediciones, pág. 27-72.
- Caride, A. (2016). La mediación como pedagogía social: viejas realidades, nuevos retos para la intervención social, in Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (orgs.) *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Edições Afrontamento, pág. 13-26.
- Castro, P. (2016). *Invertir en educación en un mundo globalizado- los retos de la economía*. España: RBA, 140.
- Celorio, J. (2004). El sistema educativo: procesos de integración y segregación, in Manzanos, C. (coord.) *Trabajo social y educación social con inmigrantes en países receptores y de origen*. Málaga: Ediciones Aljibe, pág. 212-214.
- Costalat, F. (1997). *Identité sociale et dynamique representationnelle*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- De Lucas, J. (1992). *Europa: convivir con la diferencia? Racismo, nacionalismo y derechos de las minorías*. Madrid: Tecnos.
- De Lucas, J. (1994). *El desafío de las fronteras. Derechos humanos y xenofobia frente a una sociedad plural*. Madrid: Temas de Hoy.
- Delgado, P. (2006). *La identidad mestiza*. San Sebastian: Hiria Liburuak.

- Deutsche Welle. (28 dezembro 2006) *Para sociólogo alemão, orgulho nacional gera xenofobia*, retirado de <http://www.dw.com/pt-br/para-soci%C3%B3logo-alem%C3%A3o-orgulho-nacional-gera-xenofobia/a-2293255> .
- Fuentes, P. (2009). *La inmigración española a América en los siglos XIX y XX*. Madrid: Fundación Directa.
- Gadamer, G. (1992). *Verdad y método*. Salamanca : Ediciones Sígueme.
- Ghosh, B. (ed.) (2000). *Managing migration*. Oxford : University Press.
- Giddens, A. (2007) *Mundo em descontrolo*. Rio de Janeiro: Record.
- Giménez, C. (2001). Convivencia. Conceptualización y sugerencia para la praxis, in *Revista Educación y futuro: Revista de Investigación Aplicada y Experiencias Educativas* n°8. Editorial CES Don Bosco Edebe, pág. 9-26.
- Glazer, N. (1997). *We are all multiculturalists now*. Cambridge: Harvard University Press.
- Graumann, F. (1983). *Les identités multiples*, *Revue Internationale des Sciences Sociales* (UNESCO) XXXV 2, pág.337-350.
- Held, D. et al. (1999). *Global transformations*. Cambridge: Polity Press.
- Hepburn, M. A. (1992). *El problema del multiculturalismo y de la cohesión social en una sociedad democrática: los Estados Unidos – modelo o ejemplo?*. *Perspectivas*, XXII, 1 , pág. 83 – 93.
- <https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu/>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade\\_paralela](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_paralela)
- Huntington, S. (1997). *O choque de civilizações*. Carnaxide: Editora Objectiva.
- Jares, X. (2007). *Pedagogia da convivência*. Porto: Profedições.
- Jares, Xesus R. (2007). *Educação e Conflito*. Porto: ED. Asa.
- Kauffman, J. C. (2004). *L'invention de soi: une theorie de l'identité*. Paris: Armand Collins.
- La Rueda (2016) *Diagnóstico de Bellas Vistas*, Servicio de Convivencia Intercultural en Barrios.
- Lahire, B. (2004) *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Lopes, A. (2012). Da coexistência à convivência com o outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade, in *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, vol. 20, n° 38, pág. 67-81.
- Lucas, J. y Bueso, L. (2006). *La integración de los inmigrantes*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales.
- Maalouf, A. (2000). *Violence and need to belong- in the name of identity*. New York: Penguin Books.
- Madrid Convive: Encuesta de la Convivencia en la ciudad de Madrid* (2009). Madrid: Área de Gobierno de Familia y Servicios Sociales.
- Manzanos, C. (coord.). (2004) *Trabajo social y educación social con inmigrantes en países receptores y de origen*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Manzanos, C. (2004). Percepción y actitudes hacia los inmigrantes en la sociedad de llegada. Estrategias de adaptación por parte de los sujetos inmigrantes, in Manzanos, C. (coord.). *Trabajo social y educación social con inmigrantes en países receptores y de origen*. Málaga, pág. 126- 152.

- Marques, J., Faria, S., Silva, P., Vieira, R., Lopes, S. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade, in Vieira, R. Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (orgs.) (2016). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Edições Afrontamento, pág. 125-156.
- Marques, J. e Góis, P. (2011). A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa, in *Revista Internacional em Língua Portuguesa n.º 24*. pág. 213-232.
- Marques, J. (2017). Migrações internacionais: algumas notas sobre a fronteira no processo migratório, in Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (orgs.). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento. pág. 11-28.
- Mas, F. (2001). *Rompiendo fronteras: una visión positiva de la inmigración*. Barcelona: Intermón.
- Mezzadra, S. (2005). *Derecho de fuga*. Madrid: Traficantes de Sueños.
- Miles, B. e Huberman, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis: an expanded sourcebook* (2ª ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Montañés, M. (2006). Asimilación o aculturación versus convivencia en la diversidad, in Encina, J. y Montañés, M. (coord.). *Construyendo colectivamente la convivencia en la diversidad: los retos de la inmigración – Democracias participativas 2*. Sevilla: Unilco.
- Morderas, J. (1999). *Musulmanes en Barcelona: Espacios e dinámicas comunitárias*. Barcelona: Cidob Ediciones.
- National Geographic Portugal* (Outubro de 2016) Os Novos Europeus, Suplemento- pág. 1-29.
- Observatório de Inmigración de Madrid*, 2016.
- Olabuenaga, J. (2004). La inmigración no regularizada en España y el País Vasco. El criptorracismo español, in Manzanos, C. (coord.). *Trabajo social y educación social con inmigrantes en países receptores y de origen*. Málaga: Ediciones Aljibe, pág. 52-87.
- Osorio, C. (2016). *Lavapiés y el Rastro*. Madrid: Tempora
- Pajares, M. (1998). *La inmigración en España. Retos y propuestas*. Valencia: Icara.
- Peres, A. (2002). Interculturalidade, *A Página da Educação*, 112, ano 11, pág. 4.
- Peres, A. e Vieira, R. (2010). *Educação, justiça e solidariedade na construção da paz*. Amarante, APAP e CIID.
- Peres, A. (2016). Educação intercultural e mediação sociopedagógica, in Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (orgs.) *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Edições Afrontamento, pág. 57-72.
- Pérez, M. (2006). Identidad, ciudadanía e inmigrantes en las ciudades en el marco de la globalización, in Encina, J. y Montañés, M. (coord.) *Construyendo colectivamente la convivencia en la diversidad: los retos de la inmigración – Democracias participativas 2*. Sevilla: Unilco.
- Observatorio de las Migraciones y la Convivencia (2005). *Puntos de Vista*, nº 1, pág. 7-31.
- Roa, L. (2017). *Navigating the city: Experiences of irregular migrants with borderscapes in the city of Madrid*. Master Thesis European Master Immigration and Intercultural Relations.
- Sartori, G. (2001). *La sociedad multiétnica. Pluralismo, multiculturalismo y extranjeros*. Madrid: Taurus.

- Savater, F. (2003). *El valor de elegir*. Barcelona: Ariel.
- Scrinsshaw, S. e Gleason, G. R. (1992) *Rap: Rapid assessment procedures: qualitative methodologies for planning and evaluation of health-related programs*. Boston: International Nutritional Foundation for Developing Countries.
- Serré, M. (1994). *O terceiro instruído*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Shute, S. e Hurley, S. (eds.) (1998). *De los derechos humanos*. Madrid: Trotta.
- Shutika, D. (2011). *Beyond the borderlands. Migration and belonging in the United States and Mexico*. Berkeley: University of California Press.
- Silva, P. (2003). *Escola- Família, uma relação armadilhada- interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento
- Silva, P. (2014). Escolas, meios populares e mediação sociocultural, in Burgos, M. *A escola e o mundo do aluno- estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. pág. 403-449.
- Sorokin, P. A. (1969). *Sociedad, cultura y personalidad*. Madrid: Aguilar.
- Taylor, C (1993). *Multiculturalism and the politics of recognition*. Princeton: Princeton University Press.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança social*. Porto: Porto Editora.
- Touraine, A. (1998). *Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vieira, A. (2007b). *A escola em busca de profissionais sociais: um estudo comparativo*, Tesina apresentada na UEX para obtenção do DEA (Espanha). Não publicada.
- Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2006a). Educação e trabalho social na escola, in *A página da Educação*, <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=157&doc=11623&mid=2>.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2007). Diversidade cultural e mediação escolar, in *A página da Educação*, <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=164&doc=12127&mid=2>.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2015). Fronteiras da identidade, mediação intercultural e trânsitos do self, in A. Nascimento, & J. L. Backes (Orgs.), in *Inter/multiculturalidade, relações étnico-culturais e fronteiras da exclusão*. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras. pág. 229-258.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2016). Mediações socioculturais : conceitos e contextos, in Vieira, R. , Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (orgs.) (2016). *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social*. Porto: Edições Afrontamento. pág. 27-56.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, mediação intercultural e (trans) formações*. Porto: Profedições.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2017). Mediações socioculturais em territórios educativos, in Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (orgs.) (2017). *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento. pág. 29-56.
- Vieira, A. e Vieira, R. (2017). Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural, in *Revista Mediações v.5, n.1*. Instituto Politécnico de Setúbal
- Vieira, R. (1999). Encruzilhadas da identidade, in *A Página da Educação n° 8*.

- Vieira, R. (2008). *Identidade intercultural: algumas reflexões*. Comunicação apresentada no Seminário Internacional DECISE- Diálogos Cruzados: Antropologia, Sociologia e Educação, UNICAMP: São Paulo, Brasil.
- Vieira, R. (2011). *Educação e diversidade cultural: notas de Antropologia da Educação*. Porto: Edições Afrontamento e Leiria: CIID- IPL.
- Vieira, R. (2013). *Partir, chegar, voltar... Reconfigurações identitárias de brasileiros em Portugal*, Leiria: Edições Afrontamento.
- Walzer, M. (1981). The distribution of membership, in Brown, P. e Shue, H. (eds.). *Boundaries: national autonomy and its limits*. Totowa, N. J. : Rowan and Littlefield.
- Wieviorka M. (1995). Introdução a racismo e modernidade, in Wieviorka, M. (dir.), *Racismo e Modernidade*, Lisboa: Bertrand.
- Wieviorka, M. (1997). (ed.) *Une société fragmentée? Le multiculturalism en débat*. Paris: La Découverte.
- Wieviorka, M. (2001). *La différence*. Paris: Éditions Balland.
- [www.barriosdemadrid.net](http://www.barriosdemadrid.net)
- [www.madrid.es](http://www.madrid.es) – *Población por Distrito y Barrio según nacionalidad*- Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid.
- [www.madrid.es](http://www.madrid.es)- *Población por país de nacionalidad según Distrito y Barrio de Residencia*- Padrón Municipal de Habitantes. Subdirección General de Estadística del Ayuntamiento de Madrid.
- Zavalloni, M. (1975). Social identity and the recording of reality: its relevance for cross cultural psychology, in *International Journal of Psychology n°10*, pág. 197-217.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1: ACTIVIDADES EM TETUÁN

**Foto 1: Formação campanha Anti Rumores**



**Foto 2: Espanhol para imigrantes**



**Foto 3: Workshop Direitos Laborais para imigrantes**



**Fotos 4, 5 e 6: Apresentação da iniciativa “El beso”, destinada a mulheres imigrantes residentes na Calle Topete em Bellas Vistas, Tetuán**

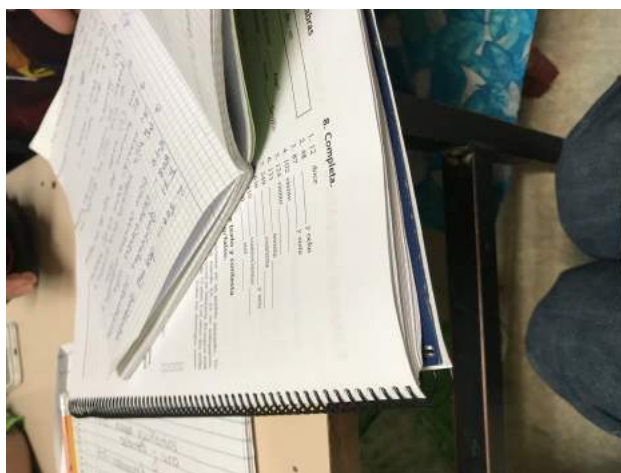


## APÊNDICE 2: ACTIVIDADES EM LAVAPIÉS

**Foto 1: Banco de Alimentos**



**Foto 2: Aulas de espanhol para imigrantes**



Fotos 3 e 4: Feira de Artesanato em Lavapiés



### APÊNDICE 3: GUIÃO DA ENTREVISTA

- 1- Descreva em traços gerais a sua relação pessoal com o bairro.
- 2- Quais as principais características do bairro?
- 3- Descreva brevemente o seu percurso pessoal/ profissional.
- 4- Quais as principais características/ objectivos da instituição que representa (só para as entrevistas a profissionais)?
- 5- Como vê a relação entre locais e imigrantes no bairro? E em Madrid? E em Espanha?
- 6- Em que medida é que as actividades desenvolvidas ao nível local provocam mudanças no bairro?
- 7- Como antevê a vida no local daqui a 10 anos?

## APÊNDICE 4: SINOPSE DA ENTREVISTA 1

RAQUEL TOVAR

Indicadores	Análise	Excertos
Visão/ Relação com o bairro	<p>Manifesta satisfação por viver em Tetuán, ser profissional e residente trouxe um duplo conhecimento. É um bairro multicultural e atractivo por isso. Mostra receio sobre a violência que por vezes acontece em determinados locais do seu entorno mas sente que muito do que se diz é exagerado pelos meios de comunicação social.</p>	<p>- <i>Es un 2 en 1, soy profesional y vecina</i></p> <p>- <i>Tetuán es un sitio donde la gente vive en la calle</i></p> <p>- <i>Si no los hay (espacios) creados, los crean ellos mismos</i></p> <p>- <i>Vine porque tenía la familia cerca y era un barrio económico. Me gustaba el ambiente y la multiculturalidad</i></p> <p>- <i>Las cosas se han endurecido, el ambiente es más violento</i></p> <p>- <i>Ha habido mucho paro, más gente viviendo en la calle sin tener nada que hacer y los perfiles se han cambiado</i></p>
Relação entre nativos e imigrantes	<p>Demonstra esperança mas considera que ainda há muito trabalho a fazer no que diz respeito a Tetuán como um futuro Distrito intercultural. Existe multiculturalidade mas não se geram relações</p>	<p>- <i>Hay una plaza aqui que tienes en un banco los marroquis, en otro los dominicanos, los paraguayos, sin que haya contacto directo</i></p> <p>- <i>Un marroqui o un</i></p>

	<p>entre pessoas, a não ser em circunstâncias muito concretas, os espaços de convivência, que são por exemplo as escolas. Estas são vistas como o principal veículo da mudança social. Há uma resistência inicial em relação à população estrangeira por parte dos nativos, que no entanto se minimiza a partir do momento em que entram em relação, sendo que em termos profissionais há vários casos de sucesso, nomeadamente os cuidadores de idosos. A cor de pele é vista como um obstáculo, gerando mais discriminação. A renovação geracional e a criação por parte de órgãos responsáveis de espaços de convivência são elementos chave para facilitar as relações entre diferentes culturas.</p>	<p><i>dominicano ha asesinado a alguien. Cuando es un español no dicen que es un español</i></p> <p><i>- Muchos de los inmigrantes llegan en edad joven y los mayores tienen determinados prejuicios, determinados estereótipos y no facilitan, no es igual una persona joven, con determinadas ideas, otras experiencias y una persona mayor</i></p> <p><i>- En el tema laboral hay varios casos de éxito, como es el caso de los cuidadores, ahí la nacionalidad no importa tanto</i></p> <p><i>- Un inmigrante en relación directa con un anciano, una relación de trabajo, es la mejor manera de romper prejuicios</i></p> <p><i>- Hay varias comunidades fuertes que no veo tan representadas en otros barrios</i></p> <p><i>- La creación de espacios de convivencia ayuda a romper prejuicios, cuando convivimos nos conocemos mejor, pero debemos ir allá de los chavalines que juegan</i></p>
--	---	--

		<p><i>fútbol o están sentados en la calle</i></p> <p><i>- Tetuán es rico en la mezcla de culturas que tiene pero no entran en relación entre ellas</i></p> <p><i>- Determinadas comunidades pasan más desapercibidas, por ejemplo, un ecuatoriano puede pasar perfectamente por español, pero un dominicano o un chino, por el color de piel, una persona de color te va a llamar más la atención</i></p> <p><i>- La relación entre españoles y inmigrantes se va normalizando poco a poco, por efecto de la renovación generacional y una gran parte de la normalización son los colegios.</i></p> <p><i>- Cuantos extranjeros hay en tu clase? No sé, somos todos niños, contesta el hijo</i></p> <p><i>- Cuando iba al colegio solo había una chica peruana, los ámbitos educativos están ayudando a la normalización en cuanto espacios de encuentro</i></p>
<p>Ligação entre actividades institucionais e mudança</p>	<p>Destaca La Rueca pelo trabalho que faz na desconstrução de</p>	<p><i>- La Rueca es una de organizaciones que trabajó de manera pionera en tema</i></p>

social	preconceitos como forma de aproximação entre diferentes. Considera que a melhor forma de fazer mediação é através do conhecimento real de cada cultura.	<p><i>de migración en Madrid, muchos de los proyectos que se iniciaron como proyectos propios luego han sido dispositivos públicos por parte de la Comunidad de Madrid.</i></p> <p><i>- Por Distrito se van haciendo diferentes actividades adaptadas al entorno y participan personas que trabajan contra los rumores. Por ejemplo, yo soy marroquí y no robo (campana Anti- Rumores)</i></p>
Futuro	Tetuán será um local diferente no futuro, mas não tem uma resposta clara sobre o caminho que vai seguir, apontando os decisores políticos e as políticas urbanísticas impostas como a base para o que será o Distrito nos próximos anos. Tem, no entanto, claro que haverá uma renovação geracional.	<p><i>- Habrá una renovación de las personas en el Distrito, una renovación generacional por los perfiles de las personas que viven en Tetuán</i></p> <p><i>- Están empezando a especular, dependerá del desarrollo urbanístico futuro dependerá del desarrollo urbanístico que nos creen alrededor, si va a ser algo más elitista echarán a la población obrera, los inmigrantes van fuera</i></p>

## APÊNDICE 5: SINOPSE DA ENTREVISTA 2

### Chiara Orrico

Indicadores	Análise	Excertos
Visão/ Relação com o bairro	Vê Lavapiés como um bom lugar para viver, mais seguro do que dizem, central, com muita vida, mas com casas demasiado antigas e muitas vezes sem boas condições.	<p>- <i>Veo Lavapiés como un barrio muy bonito desde que llegué, tiene de todo, supermercados, farmacias, tiendas, hay gente en las calles a cualquier hora del día y de la noche, y, al contrario de lo que muchos dicen, es seguro</i></p> <p>- <i>No me falta nada viviendo ahí, puedo llegar al centro en 15 minutos, está cerca de Atocha, la conexión para el aeropuerto es rápida...</i></p> <p>- <i>Hay siempre un montón de ruido, la gente habla muy alto</i></p> <p>- <i>Vine porque tenía una amiga que vivía aquí, no sabía nada del barrio y me quedé porque tengo todo lo que necesito</i></p> <p>- <i>Se vive en la calle</i></p>
Relação entre nativos e imigrantes	Sente que há mais contacto entre europeus, que convivem sem problemas, mas considera que é mais difícil chegar à população	<p>- <i>Hay muchos grupos, de africanos, América del Sur, eso no se nota tanto entre europeos, que están más</i></p>

	<p>espanhola e, em simultâneo, as pessoas de outras nacionalidades (não europeias) têm os seus próprios grupos, não se juntando com outras. Há uma relação de cortesia, em que todos se cumprimentam, mas que não se traduz em contactos mais próximos.</p>	<p><i>juntos</i></p> <p><i>- Veo más a los extranjeros, incluso los que trabajan en las tiendas son casi todos extranjeros</i></p> <p><i>- Caminan con los nietos por allí, saludan a las personas pero nada más</i></p> <p><i>- Los españoles suelen estar en grupos de españoles y muchas veces no es fácil crear una relación com ellos. En Madrid es un poco diferente, es más abierto</i></p>
<p>Ligação entre actividades institucionais e mudança social</p>	<p>As actividades realizadas na rua contribuem para um maior conhecimento das culturas e as pessoas no geral aderem a elas.</p>	<p><i>- Edificios como la Casa Encendida pueden ayudar a favorecer la integración</i></p> <p><i>- Hay actividades, gente que se pone ahí tocando instrumentos, a bailar, es el rollo del barrio</i></p>
<p>Futuro</p>	<p>Os espanhóis vão, a partir do momento em que se façam obras nas casas, comprar e arrendar casas no bairro devido à sua centralidade.</p>	<p><i>- Se quedará siempre un barrio multicultural, que te acoge bien, pero espero que hagan obras para mantener los edificios</i></p> <p><i>- Las nuevas familias españolas se van a mudar aquí, porque está bien comunicado</i></p>

## APÊNDICE 6: SINOPSE DA ENTREVISTA 3

Paola Massa

Indicadores	Análise	Excertos
Visão/ Relação com o bairro	Sente que a mudança identitária no bairro trouxe uma maior multiculturalidade, mistura e, sobretudo, tornou-o mais atractivo e menos associado à delinquência. O turismo está cada vez mais a transformar as rotinas, dando lugar a novos espaços que nada têm a ver com o pequeno comércio que actualmente ali reina.	<p>- <i>Conozco este barrio ya hace 18 años y la primera vez que vine era completamente diferente, la población era más árabe, se lo tenía como complicado, había delincuencia, no se sabía que pasaba</i></p> <p>- <i>Siempre me llamó la atención lo pintoresco de Lavapiés, el hecho de ser multicultural</i></p> <p>- <i>Empecé como voluntaria y me llamó la atención sobre todo los niños que teníamos en infancia, que eran de Bangladesh, diferentes socialmente de los árabes. Ahora hay de todo, aunque se esté metiendo otro tipo de personas, los del turismo</i></p> <p>- <i>Lo que hay ahora mismo aquí es mucho turismo, las casas de las personas que vivieran aquí toda la vida van siendo compradas por empresas que hacen obras y los transforman en negocios con intereses</i></p>

<p>Relação entre nativos e imigrantes</p>	<p>Os conflitos entre nacionalidades não existem mas a relação é inexistente, mais ainda se falarmos dos espanhóis. As pessoas com uma diferente cor de pele têm mais dificuldade de integração, um argentino é praticamente visto como um europeu. Há um ranking de nacionalidades imaginado pela população nativa em função da proveniência de cada um.</p>	<p>- <i>Al lado de una fruteria tradicional bangla es natural que se encuentre un bar gourmet, los turistas buscan esto</i></p> <p>- <i>Van yendo para otras zonas, porque los propietarios de las casas quieren cambiar el barrio y ganar dinero con él</i></p> <p>- <i>La relación entre ambos (mayores e inmigrantes) es buena, no hay aparentemente muchos conflictos</i></p> <p>- <i>En las calles las personas se dividen en grupos, nacionalidades, apenas saludan los otros, pero tampoco hay un conflicto abierto, declarado</i></p> <p>- <i>Es una ventaja ser argentina o, concretamente, no ser española, porque si fuese habría más distancia e más resistencia por parte de los inmigrantes</i></p> <p>- <i>La relación entre españoles e inmigrantes es pacífica pero también nula, aunque no entren en conflicto</i></p> <p>- <i>Un español establece una especie de ranking. No hay problemas por ser argentina porque, a pesar de todo, no hay tanta diferencia cultural</i></p>
<p>Ligação entre actividades</p>	<p>Culturas Unidas recebe todas</p>	<p>- <i>Recibir todas las ideas</i></p>

<p>institucionais e mudança social</p>	<p>as ideias e gera interculturalidade a partir das actividades que realiza, em que mistura várias culturas sem fazer distinção entre elas.</p>	<p><i>desde que sean concretizables a traves de los recursos existentes. Al contrario de otros centros son los voluntarios que traen las ideas, no es Culturas Unidas quien las impone</i></p> <p><i>- A veces la Seguridad Social deriva personas de otros barrios y no hay cualquier problema en acogerlas</i></p>
<p>Futuro</p>	<p>O bairro vai continuar a ser multicultural mas haverá diferenças no tipo de pessoas que frequentarão as ruas, a modernização das casas e dos negócios trará outro tipo de imigrantes.</p>	<p><i>- Ahora todo está más amplo, antes la calle Argumosa estaba llena de chiringuitos, ahora está todo mezclado, pero apunta a que vaya a ser un barrio donde las generaciones modernas van a venir, más hipster. Se quedará la esencia pero con una pincelada hipster</i></p> <p><i>- Lavapiés tendrá el mismo toque de multiculturalidad pero con otro nivel, con una modernización de los negocios y de las casas</i></p>

APÊNDICE 7: ANÁLISE COMPARATIVA DA SINOPSE DAS ENTREVISTAS

Indicadores	Raquel Tovar	Chiara Orrico	Paola Massa
Visão/ Relação com o bairro	É <i>vecina</i> e profissional. Sente-se bem no Distrito por ser multicultural, ainda que a violência tenha vindo a aumentar devido à crise.	Gosta do bairro ainda que sinta que as casas são antigas e algumas sem boas condições.	Chegou numa situação difícil, como imigrante sem papéis, foi assistindo às mudanças no bairro. Como profissional e argentina tem uma relação próxima com muitas pessoas, que não seria tão fácil se fosse espanhola.
Relação entre nativos e imigrantes	É um Distrito multicultural mas a interculturalidade só surge em espaços de convivência inconsciente.	Com excepção dos europeus, as pessoas juntam-se por nacionalidades. É mais difícil conviver com os espanhóis porque têm os seus grupos próprios.	É uma relação de cortesia, mas além das saudações é nula.
Ligação entre actividades institucionais e mudança social	As instituições são o grande alicerce para a construção de bairros interculturais mas falta articulação de esforços.	Sobretudo as actividades de rua vão provocando mudanças no bairro, conferindo-lhe um carácter mais multicultural.	A mudança chega através do empoderamento e da criação de espaços de convívio entre culturas.
Futuro	Haverá uma renovação geracional mas é uma incógnita, depende das instâncias que decidem.	As casas serão renovadas e o bairro manterá o seu cariz de mistura de culturas.	O turismo será cada vez mais preponderante, o bairro continuará a ser multicultural mas com outro tipo de pessoas, espaços de comércio e estilo.

## APÉNDICE 8: DIÁRIO DE CAMPO

Los dominicanos pero son españoles  
por eso no entran en las estadísticas.  
\*) LA POBLACIÓN DOMINICANA SE SIEMPRE  
SIEMPRE IDENTIFICADA CON EL BARRIO SE  
ESPÍRITU DE UNA CAMPAÑA ANTI-RUMOR  
TIENE QUE ESTAR APOYADA POR DATOS.  
RUMOR DE QUE TETRAVIR EN PELIGRO POR  
LA PRESENCIA DE PERSONAS DOMINICANAS.  
EX. TASA DE CRIMINALIDAD EN REACCION  
A OTRAS BARRIAS, PORCENTAJE DE  
INTEGRANTES DOMINICANOS, PORCENTAJE DE  
TASA DE CRIMINALIDAD EN EL BARRIO  
ANALISIS DE DATOS EN FUNCION DE  
EL